

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Grupo de Pesquisas em Especialidades Artísticas



**IV Colóquio de Estudos em Narrativa:
*A ficcionalização do medo na narrativa.***

**CADERNO
DE RESUMOS**

16 e 17 de Junho de 2015

Apoio



PPGEL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



PROFLIN

Organização

Coordenação

Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil
Profa. Dra. Maria Cristina Martins

Comissão Organizadora

Professores do ILEEL/UFU:

Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo
Prof. Dr. João Carlos Biella
Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares
Prof. Dr. Paulo Fonseca de Andrade
Profa. Dra. Camila Alavarce Campos
Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira

Professores externos ILEEL/UFU:

Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior (UFG)
Profa. Ms. Keula Aparecida de Lima Santos (IFTM)

Pós-Graduandos ILEEL/UFU:

Bruno de Sousa Figueira
Carline Barbon dos Santos
Edson Maria da Silva Silva
Fernanda Pina dos Reis
Helen Cristine Alves Rocha
Josiane Tavares Silva
Lilliân Alves Borges
Marinéia Lima Cenedezi
Rafael Geraldo Vianney Peres
Sandra Mara Carvalho
Suelene Alves Lopes Lopes

Graduandos ILEEL/UFU:

Italiene Santos de Castro
Mayara Pereira de Mello
Tereza Maia
Victória Maria Silva Camargo

Comissão Científica

Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)
Profa. Dra. Maria Cristina Martins (UFU)
Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo (UFU)
Prof. Dr. João Carlos Biella (UFU)
Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares (UFU)
Prof. Dr. Paulo Fonseca de Andrade (UFU)
Profa. Dra. Camila Alavarce Campos (UFU)
Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira (UFU)
Profa. Dra. Enivalda Nunes de Freitas (UFU)
Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior (UFG)
Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi (UNESP)

Prof. Dr. Flavio García (UERJ)
Prof. Dr. Júlio Cesar França Pereira (UERJ)
Prof. Dr. Luís André Nepomuceno (UNIPAM)
Prof. Dr. Nilton Milanez (UESB)
Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar (UEL)
Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar (UEL)
Profa. Dra. Juliana Santini (UNESP)
Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa (USP)
Profa. Dra. Maria João Albuquerque Figueiredo Simões (Universidade de Coimbra)
Profa. Dra. Raquel Trentin Oliveira (UFSM)
Profa. Dra. Roselene Coito (UEM)
Profa. Dra. Ruth Junqueira Silviano Brandão (UFMG)

Apresentação

O **IV Colóquio de Estudos em Narrativa: A ficcionalização do medo na narrativa (CENA IV)** do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia é um evento acadêmico-científico para discussão e divulgação de produção científica, acadêmica e cultural na área de Literatura, abrangendo profissionais da área atuantes no Brasil. Destina-se a viabilizar um espaço acadêmico de debates que contribua para a formação de estudantes, pesquisadores e profissionais das áreas de Letras, Artes, Educação e afins, bem como a possibilitar uma integração maior entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa à universidade.

O evento, que é organizado pelo Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas (GPEA), em sua quarta edição, focaliza a ficcionalização do medo na narrativa. O medo e o espanto são sentimentos e reações que promovem no homem um movimento em seu espaço, deslocam-no, retirando-o muitas vezes da passividade. Para Platão, por exemplo, a base da filosofia é o espanto. Como explica Karl Jaspers, o espanto atrai a construção do conhecimento. Enfim, o evento pretende, com as comunicações e conferências apresentadas, incitar reflexões acerca dos modos como o medo, o espanto e o horror configuram-se nas narrativas no intuito de compreensão desses sentimentos na vida e na arte.

Marisa Martins Gama-Khalil
Líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas
Instituto de Letras e Linguística - UFU

A REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM A SEGUNDA VIDA DE MACHADO DE ASSIS

Adelaide Caramuru Cezar (UEL)
accezar@sercomtel.com.br

Em *A Segunda Vida* (1884) — conto de Machado de Assis (1839-1908) publicado pela primeira vez em 1884 na *Gazeta Literária* e no mesmo ano compilado pelo autor em *Histórias sem data* - tem-se o registro de duas espécies de medo. O primeiro deles diz respeito ao medo inerente a um homem que vem pela segunda vez à vida com todas as experiências da vida anterior. Trata-se do medo do protagonista-narrador José Maria que vem aconselhar-se com Monsenhor Romualdo de Sousa Caldas em sua igreja a respeito da dificuldade de viver com sua esposa, Clemência. Trata-se de um medo filosófico inerente ao conhecimento de vida. O segundo medo registrado no conto é real, físico. Monsenhor Caldas, vendo-se ante um lunático, cautelosamente lhe pede licença e vai à casa paroquial solicitar ao escravo que chame a polícia. O conto termina com a chegada desta: “Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e de pés”. Neste trabalho, serão enfocadas as duas espécies de medo representadas no conto, vendo nestas representações o vínculo machadiano com a obra de Hoffmann (1776-1822) e de Edgar Allan Poe (1809-1849). Espera-se ainda poder demonstrar a temática da loucura neste conto machadiano já antes configurada em *Três tesouros perdidos* (1858), *Frei Simão* (1864), *A mosca azul* (1880), *O Alienista* (1882), *A ideia do Ezequiel Maia* (1883), *O Lapso* (1883), *Conto Alexandrino* (1883).

Palavras-chave: Machado de Assis; *Histórias sem data*; *A segunda vida*; *Insólito*; *Medo*.

TRAJES FUNESTOS: UMA LEITURA DE “O ROMANCE DE UNS VELHOS VESTIDOS”, DE HENRY JAMES

Adilson dos Santos (UEL)
adilson.letras@yahoo.com.br

Este trabalho objetiva apresentar uma leitura de “O romance de uns velhos vestidos”, do escritor Henry James. Publicado inicialmente em 1868, na revista *The Atlantic Monthly*, o conto, tido como a primeira história de fantasma de Henry James, ganhou as páginas de livro somente em 1875, na coletânea *A passionate pilgrim and other tales*. No Brasil, o conto foi selecionado por Jacob Penteadado para integrar a coletânea *Obras primas do conto de terror*, publicada pela Livraria Martins em 1962. A narrativa de James traz em cena aquela velha ideia, muito presente em certas religiões, de que espíritos malignos podem se esconder em certos objetos e de que a identidade de um indivíduo pode ser acessada através de seus pertences. Dão prova disso as bênçãos dadas por sacerdotes em peças de roupa de sujeitos doentes ou espiritualmente atormentados, o exorcismo de objetos bem como os maléficis rituais de feitiçaria realizados por meio de fotografia e/ou pedaços de roupas das vítimas. Neste conto, a clássica rivalidade entre irmãos se faz sentir entre Viola e a caçula Perdita. Cada qual promove uma ação vingativa em relação à outra. Viola, preterida por Mr. Arthur Lloyd - que toma a irmã por sua esposa -, falsamente deseja a Perdita, longos anos de vida. Já Perdita, falecida logo após dar a luz uma menina, dá cabo da vida da irmã. Ao procurar tomar para si as roupas que

pertenceram a Perdita, Viola, agora casada com Lloyd, é assassinada pelo espírito da irmã, extraordinariamente presente em seus trajes.

Palavras-chave: Henry James; conto; terror; morte; fantasma.

O MEDO EM A RAINHA DA NEVE

Alauanda de Vasconcelos Fernandes (UFU)

laumione@hotmail.com

Os acontecimentos inexplicáveis do conto suscitam no leitor o estranhamento, o medo de não poder explicar logicamente um fato. Sendo assim, o medo, um dos sentimentos mais antigos que o homem pode sentir, é necessário para a construção do fantástico. Observando essa característica em *A Rainha da Neve* do autor Hans Christian Andersen, vemos que Kay, um menino pequeno, ao ficar preso na carruagem-trenó da Rainha, fica aterrorizado com a situação e, nesse momento, o medo de não conseguir voltar para casa, para os seus pais, sua avozinha e Gerda, sua melhor amiga, até mesmo da morte, tomam conta dele. Por meio dessas incertezas que compõem o enredo do conto, o trabalho tem o objetivo analisar esse sentimento que assola o personagem pela incerteza de não saber o que poderia ocorrer com ele. O trecho analisado “A de um menino pequeno e uma meninazinha” faz parte da segunda história do conto, no qual vemos um destaque no temor, na angústia e no terror que o menino passa devido à iminência de seu coração se tornar um bloco de gelo. Passando por todas essas sensações, percebemos, enfim, que o fantástico se faz presente nessa atmosfera assustadora e desconfortante, na qual o garoto ficará aprisionado, com o coração gelado e sozinho no castelo de neve da Rainha, até que Gerda o encontre e o leve para casa.

Palavras-chave: Fantástico; Medo; Angústia; Morte; A Rainha da Neve.

MEIA-NOITE NA ALMA: UMA EPOPEIA ASSOMBRADA PARA MORRER BEM

Alessandra Navarro Fernandes (UEL)

anavarro_fernandes@hotmail.com

O cenário desta narrativa é a cidade de Mariana, ou antes ainda, é a cidade da alma habitada pelos temores da morte. Alphonsus de Guimaraens, o poeta solitário, escreve obcecadamente sobre um personagem que jamais estará preparado para morrer; tomando suas precauções espirituais, o homem enseja a luta contra o mal, exterior a si e contra o pecado, a mácula imanente a toda carne. O pensamento barroco, numa atmosfera barroca e em plena estética simbolista, exacerba a provação humana: existem seres maléficos sobrenaturais à espreita e existe o obstáculo do corpo, matéria desprezível, ambos afastando a possibilidade da boa-morte. O eu poético declara seu naufrágio – “E temo, e temo tudo, e nem sei o que temo” – portador da maldição que todo artista finisse secular carrega: o de viver à beira de um abismo espiritual. Assombrado, o poeta descreve, entre risos amargos e preces fervorosas, seu rosário de situações insólitas, com a presença de esqueletos, de personagens soturnos, de vozes sombrias e proféticas de entidades sobrenaturais e o olhar augural dos funcionários

naturais da morte como o sapateiro, o carpinteiro e o coveiro. Este trabalho pretende analisar estas representações de desconfiança, medo e horror que atormentam a hora extrema, na epopeia da morte criada pelo genial poeta mineiro.

Palavras-chave: Alphonsus; morte; insólito; medo.

O ENQUADRAMENTO DO MEDO NO CORPO FÍLMICO DE HORROR

Alex Pereira de Araújo (UESB)

alex.scac@hotmail.com

Esta pesquisa empreende um estudo acerca das formas de enunciar o medo em produções fílmicas de horror; ou seja, busca-se, por meio da arqueogenealogia foucaultiana, analisar o enquadramento do medo nas imagens em movimento, produzidas para compor a estrutura dos filmes de horror, como um dos modos de produção do corpo contemporâneo demarcado pelo horror. Desta maneira, o objetivo deste trabalho é contribuir com a (re)criação da história dos modos como os medos contemporâneos estão na ordem da constituição dos modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos nesta época do simultâneo, da justaposição, do próximo, do longínquo, do lado a lado, do disperso. É um empreendimento de inspiração foucaultiana na medida em que operamos com alguns elementos de sua maquinaria teórica tais como: dispositivo; acontecimento discursivo; discurso e enunciado. É justamente no trabalho de Foucault que encontramos, no dizer de Dreyfus e Rabinow, o mais importante esforço contemporâneo não só para desenvolver um método de se estudar os seres humanos, como também de diagnosticar a situação atual de nossa sociedade. Nestes empreendimentos, o corpo aparece como “um protagonista incontornável e multiforme” seja nas pesquisas arqueológicas, seja nas pesquisas genealógicas. Aqui, procura-se articular as reflexões destes empreendimentos realizados por Foucault com o trabalho de Metz em *A significação no Cinema* com a semiologia de Roland Barthes.

Palavras-chave: Enquadramento; Medo; Corpo; Horror fílmico.

JOÃO DO RIO E O MEDO NO ESPAÇO DA CIDADE

Aline Pires de Moraes (IFTM)

moraes_aline@hotmail.com

O presente trabalho visa analisar os aspectos da literatura do medo nos contos selecionados da obra *Dentro da noite*, de João do Rio. A pesquisa volta-se para a análise das categorias do medo em seu caráter não sobrenatural, considerando para isso as fontes do medo artístico. Além disso, procura-se observar de que modo o espaço urbano ascende nas narrativas de João do Rio como espaço privilegiado para as manifestações do mal moderno. O trabalho perscruta ainda, tomando como fonte o texto literário, delinear de que maneira as fronteiras tênues entre gênero de horror e gênero fantástico podem estabelecerem-se enquanto manifestações fronteiriças dentro dos prismas em que a literatura que trata do medo refletem. Ao analisarmos aspectos figurais do medo na narrativa de João do Rio, percebemos que a fluidez do tema se instaura e surge a partir

de situações citadinas e cotidianas, rompendo com o paradigma de que há uma personificação do mal, permitindo a inversão de papéis a todo instante dentro da narrativa, ora o algoz torna-se vítima, ora a vítima, torna-se algoz. Assim, o espaço da cidade, aparece na narrativa de João do Rio como agente fluído de disseminação do medo, que não surge propriamente de um corpo monstruoso, mas dos agentes que se instauram em uma metrópole como inerentes ao ser.

Palavras-chave: Medo artístico; *Dentro da Noite*; João do Rio; horror; cidade.

A QUESTÃO DO DUPLO NO CONTO BERENICE, DE POE

Ana Alice da Silva Pereira (UFTM)

ana_alicep@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar a questão do duplo no conto *Berenice*, de Edgar Allan Poe. A narração é feita em primeira pessoa, e o protagonista, Egeu, conta que cresceu na mansão da família, em companhia da prima Berenice, uma menina ágil e cheia de vida. Na idade adulta, Berenice é acometida por uma grave epilepsia, e com frequência episódios de catalepsia. A doença lhe destitui toda vivacidade. Egeu passa a apresentar uma monomania, em que sua mente cria uma obsessão com objetos frívolos. Os dois ficam noivos, mas Berenice morre. Ao final, descobre-se que tudo não passara de um episódio cataléptico, em que a moça foi enterrada viva, e Egeu, que tinha neste momento os dentes de Berenice como objeto de sua obsessão, viola o caixão e os arranca num momento em que a lucidez lhe falta. Os criados encontram o caixão aberto e o rosto desfigurado, mas ainda vivo, de Berenice, e ao conversar com Egeu na biblioteca, vislumbram a caixinha com seus 32 pequeninos dentes. A figura do duplo no conto está presente na personagem Berenice, que acometida pela epilepsia, passa a se configurar como uma versão macabra de si. Uma análise psicanalítica da questão do duplo aponta que este pode surgir, num primeiro momento, como promessa de imortalidade, mas que pode vir a ter um significado completamente oposto: o de um prenúncio de morte. A tentativa de eliminar o duplo aparece então como forma de eliminar a ameaça anunciada.

Palavras-chave: duplo; literatura fantástica; Poe.

RELAÇÕES ENTRE O GÓTICO E A ESCRITA FEMININA NO CONTO “AS ROSAS” DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Ana Paula Araujo dos Santos (UERJ)

ana_ads@hotmail.com

A história do Gótico na literatura está intrinsecamente relacionada à ascensão da escrita feminina. Nomes como Clara Reeve, Sophia Lee, Charlotte Smith, Mary Shelley e Ann Radcliffe representaram uma parcela significativa de mulheres que ingressaram no meio literário – entre o final do século XVIII e o início do século XIX – e adquiriram, com a publicação de suas obras, números de venda bastante expressivos. Dentre as temáticas mais abordadas por essa produção feminina na literatura estão as questões relativas à condição da mulher dentro da sociedade: a maternidade, o casamento e, principalmente,

o caminho percorrido por elas em um cotidiano dominado por figuras patriarcais opressoras. Esses temas integraram narrativas que encontraram no Gótico um meio de expressar as ansiedades femininas, revelando segredos domésticos e abusos físicos e/ou psicológicos de teor delicado ou de difícil discussão. No Brasil, parte da obra da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida apresenta consonâncias com essa tradição feminina da literatura gótica, como é o caso de “As rosas”, publicado pela autora em *Ânsia Eterna* [1903]. O presente trabalho objetiva uma análise do conto no que diz respeito às questões relativas à condição da mulher no âmbito social, e procura refletir, sobretudo, acerca da contribuição dessa tradição feminina ao Gótico literário brasileiro.

Palavras-chave: gótico; gótico brasileiro; escrita feminina; literatura brasileira; Júlia Lopes de Almeida.

MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA

Ana Paula dos Santos Martins (USP)
anasanmartins@usp.br

Rosemary Jackson, em “Lo ‘oculto’ de la cultura”, afirma que entrar no território do fantástico significa substituir a familiaridade, a comodidade pelo estranho, pelo misterioso. O caráter subversivo do fantástico estaria ligado à representação do que é excluído da ordem cultural dominante, aspirando à dissolução de uma outra ordem, opressiva. No conto *Lídia*, de Maria Teresa Horta, acompanhamos as transformações que ocorrem com a protagonista que, progressivamente, é transformada em um ser alado, tal qual um pássaro, aproximando-se cada vez mais do universo telúrico e afastando-se dos ditames comportamentais apregoados pela ordem capitalista e patriarcal. O medo que ela sente diante das modificações ocorridas em seu corpo, especialmente com o aparecimento de asas, promove o deslocamento dessa personagem de uma situação de passividade e desconforto para uma nova realidade. Lídia, encerrada no espaço doméstico, na realidade conhecida, ocupa uma posição de submissão, à qual seu corpo passa a reagir, com um desejo de liberdade que aparentemente a desumaniza. Se em um primeiro momento a personagem não compreende o medo diante de suas mudanças físicas e comportamentais, posteriormente será o medo do aprisionamento em um sanatório pelo marido e autoridades médicas o elemento catalisador da transformação final, ao voar pela janela em direção ao desconhecido, à natureza. Diante do que foi exposto, o objetivo desta comunicação é analisar como a constituição do medo na narrativa fantástica em questão leva a uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro, da mulher.

Palavras-chave: medo; fantástico; gênero; literatura portuguesa.

QUEM ME DERA NÃO SENTIR MAIS MEDO: INDEFINIÇÕES E DISCURSOS SOBRE O MEDO EM ARNALDO ANTUNES

Antônio Fernandes Júnior (UFG/RC/FAPEG)

tonyfer@uol.com.br

A produção poética de Arnaldo Antunes caracteriza-se pela exploração tanto de recursos formais de formulação, materialização e divulgação do poema quanto de temáticas sintonizadas com os discursos da atualidade. No aspecto formal, o poeta serve-se de um uso muito peculiar dos suportes (livro, vídeo, CD) e de tecnologias que, ao integrarem a poética do autor, reforçam o aspecto verbovocovisual dos textos, dando-lhes novas roupagens semânticas e outras possibilidades de significação. Em relação ao aspecto temático, em muitas produções de Antunes, deparamo-nos com temas/motivos que explicitam questões bastante atuais, tais como, o modo como aborda assuntos ligados a sexualidade, a morte, o medo etc. Nesse sentido, seja no campo formal ou temático podemos afirmar que Antunes insere e inscreve sua poesia no cenário artístico contemporâneo de forma bastante atenta às mudanças ocorridas na sociedade. Como recorte dessa questão, escolhemos a letra da música Dizem (Quem Me Dera), que integra seu último disco, *Albúm* (2013), para discutir o modo como o autor explora a temática do medo, tão presente nos tempos atuais. Ao elencar os avanços “obtidos” pela modernidade, tais como, desenvolvimento da ciência, progresso, desejo de paz, fim da violência, por exemplo, o texto explicita, de forma irônica, que todos esses avanços não conseguiram evitar ou modificar nossa relação com o medo e inseguranças no campo emocional. Atento às questões contemporâneas ligadas às práticas socioculturais, Arnaldo Antunes utiliza-se, no referido texto, de elementos linguístico-discursivos capazes de captar, no campo estético e político, traços da subjetividade contemporânea, em que o conflito entre medo e desejo de segurança ganham novos contornos e efeitos de sentido, mobilizados pelo uso de expressões indefinidas.

Palavras-chave: Arnaldo Antunes; Discurso; Medo.

DELÍRIO E MEDO NO CONTO FANTÁSTICO DE AUGUSTA FARO

Camila Aparecida Virgílio Batista (UFG-Regional Catalão)

ca.mila.10@hotmail.com

O medo é um sentimento constitutivo a nossa natureza, visando ao cuidado contra perigos que nos rodeiam, sendo um mecanismo voltado prontamente para a nossa sobrevivência. Na literatura o medo perpassa diversos gêneros literários, suscita em meio à narrativa emoção conjunta com o personagem perseguido por tal sensação. Nas vertentes literárias vinculadas ao modo fantástico, por exemplo, nos deparamos com inúmeras procedências do medo intercalado entre o paralelo do real e o sobrenatural. Este é o caso quando o personagem central é tomado pelas incertezas da sua própria mente, ou seja, sua sanidade parece estar contra ele mesmo. Como julgar que acontecimentos são reais ou não a partir disso? Em quem e o quê acreditar? A partir do fantástico e ao seu atento para as linhas imaginárias ao embate do real que este trabalho, vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG-Regional Catalão e com o suporte de bolsa concedida pela CAPES, estima em observar a construção do medo na literatura brasileira delimitando-se ao fio condutor da loucura

no conto “O dragão chinês” (1999), da escritora Augusta Faro. Para que, conforme a este elemento há de demonstrar que o medo e o devaneio exprimem tamanha hesitação entre o real e o sobrenatural na narrativa. Dúvida esta já referenciada por Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica*, no qual o autor tematiza que no terreno fantástico da ficção cabe ao leitor decidir se os acontecimentos sobrenaturais violam as leis do real ou não.

Palavras-chave: Medo; Delírio; Literatura Brasileira; Fantástico.

MIA COUTO E A CASA DA MÃE DE MWADIA: UM LUGAR PARA O MEDO?

Camila da Silva Alavarce Campos (UFU)

camilaalavarce_uvu@yahoo.com.br

Pretendo, com esta proposta, pensar a problemática do medo na obra **O outro pé da sereia**, do autor moçambicano Mia Couto, e, mais especificamente, o tipo de medo tecido no capítulo quarto intitulado “A travessia do tempo”. Nele, uma das protagonistas, Mwadia, retorna à sua terra natal – “Vila Longe” –, de onde saíra há muito, para morar em “Antigamente” – nomes bastante significativos, na medida em que especificam espaços físicos, mas revelam, poeticamente, a temática do tempo. Proponho pensar o espaço da casa da mãe, Constança, para aonde Mwadia retorna, tendo em vista as considerações de Gaston Bachelard em **A poética do espaço**. Nesse momento inicial, percebo que o medo, sobretudo nesse capítulo, não se constrói de um modo “concreto” – no sentido de se saber definir a sua origem com certa precisão, como em casos em que se sente medo de seres estranhos. O medo, aqui, revela-se mais delicado e sutil. Medo do retorno? Medo de perder-se? Medo da mãe? Medo da casa? Medo do esquecimento? Pretendo, portanto, analisar a estetização do medo nesse capítulo, sem perder de vista o contexto do romance e a perspectiva por meio da qual esta proposta se delinea: a de um olhar ocidental.

Palavras-chave: casa; medo; estético; cultura.

“HÁ ALGO DE TERRÍVEL EM MIM” - ISILDA E A FRAGMENTAÇÃO DO EU

Camila Savegnago (UFSM)

camilasavegnago@gmail.com

Parte do romance português contemporâneo preocupa-se em revisitar criticamente o passado histórico de Portugal, especialmente o passado recente do país. Desse modo, o contexto sócio-histórico serve de pano de fundo para narrativas que problematizam a história oficial bem como a condição de sujeitos envolvidos direta ou indiretamente nesses acontecimentos. Uma das vozes mais expressivas dessa geração é a do escritor António Lobo Antunes, que atuou, como médico, na intervenção militar portuguesa em Angola. O escritor questiona, em *O esplendor de Portugal* (1997), a imagem do país como um império ultramarino vitorioso. A fim de observar como se estabelece a relação entre contexto histórico-social, marcado por conflitos, e personagens, escolhemos para

esta comunicação analisar a construção da personagem Isilda em *O esplendor de Portugal*. Nesse romance, que se divide em três partes, emergem quatro vozes narrativas (Isilda, a mãe; Carlos, Rui, Clarisse, os filhos), sendo a voz de Isilda a que aparece reiteradamente em todos os capítulos, intercalando-se com a das outras personagens. Sua análise torna-se interessante, uma vez que ela representa uma voz feminina portuguesa, responsável pelos negócios e pela família, num contexto de colonização e, posterior, guerra civil em Angola. Pretendemos observar como esse contexto de violência, mortes, barbáries interfere no comportamento e na condição psicológica dessa personagem, quais as marcas /traumas que permanecem em Isilda e são determinantes para sua condição na história. Descortinar os dramas interiores da personagem, atentando à fragmentação do eu em meio a um contexto de constante tensão e medo.

Palavras-chave: Lobo Antunes; guerra; personagem; violência; medo.

A FIGURA DE SATÃ NO DRAMA *MACÁRIO* DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Carline Barbon dos Santos (UFU/CAPES)
carlinebarbon@yahoo.com.br

Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852), escritor e poeta romântico, foi em tudo coerente com a arrebatada opção estética, o romantismo, que fez: genial, culto, precoce, construiu uma obra pequena, porém clássica, dentro da língua portuguesa e morreu de tuberculose aos vinte e um anos incompletos. Teve praticamente toda a sua obra publicada após a sua morte. Discípulo dos românticos europeus como Byron, Hoffmann e Shelley, seus textos refletem o ambiente da época, onde a literatura estava impregnada de pessimismo, ceticismo, morbidez e pressentimento da morte. Escreveu *Noite na Taverna* – um clássico composto de sete contos "fantásticos", como dizia o próprio autor, e povoados por fantasmas, aventureiros, mulheres, demônios, amor e morte –, *Lira dos 20 Anos*, *Macário* e outros textos como a série humorística *Spleen e Charutos*, os poemas narrativos *O Condo Lopo* e *Poema do Frade* etc. Somente o texto *Discursos*, lançado em 1849, foi publicado em vida. Com *relação a Macário*, ele demonstra o talento dramático de Álvares de Azevedo. Nele se vê o grande dramaturgo que ele poderia ter sido. Diante disso, esse trabalho procura analisar quais são as principais características do personagem satã em *Macário* e se essa figura causa medo ou estranhamento nos personagens e/ou nos leitores. Para realizar este objetivo, embasaremos nossos estudos nas teorias de Carlos Nogueira, Jeffrey B. Russel, Mauricio Cesar Menon, e George Minois sobre a figura do diabo na literatura e seus múltiplos aspectos culturais. Em paralelo, também norteamos a pesquisa sobre a narrativa de *Macário* e o satanismo tendo como base as teorias de Maria Imaculada Cavalcante e Karin Volobuef. A escolha desse tema se deu devido ao interesse particular de estudar, conhecer, investigar e promover discussões sobre o estranho, a literatura fantástica e a literatura de horror, três campos que, embora não muito explorados pela Teoria Literária, são bastante significativos. Além disso, esperamos que, após uma minuciosa análise da interessante obra do autor Álvares de Azevedo, possamos chegar a uma conclusão, relacionando *Macário* com a noção da hesitação do leitor frente ao estranho, ressaltando que o sentimento de “estranhamento” é bastante previsível ao depararmos com o fantástico.

Palavras-chave Macário; Satã; Espaço; Medo.

A CARACTERIZAÇÃO DO MEDO ENQUANTO SAGRADO TERRIFICANTE NO CONTO “A CASA DOS ANTEPASSADOS”, DE DORA FERREIRA DA SILVA.

Cássia Cristina Gonçalves Simplício (UFU)
cassiasmith17@hotmail.com

A Literatura em si é a arte de inquietação e provocação. Provoca tanto a beleza quanto o espanto, jogando o leitor entre sombras de angústias ao riso. Com ela, sentimentos como o amor, a raiva, a ironia, o desejo e tantos outros recontam a história do homem, os seres comuns, e os seres divinos, sagrados, frutos do nosso imaginário. Nada passa impune ou imune à obra literária. Entre os sentimentos que perpassam pelo homem está o medo, ao lado do amor, sentimentos mais constantes durante a existência humana. Diante disso, no trabalho em questão, o sagrado ganha o sentido antropológico de situação existencial, apresentando-se ao lado do profano, como uma modalidade de ser no mundo, refletindo-se na existência humana. Nosso objetivo é demonstrar como se dá a presença do sagrado no conto *A casa dos antepassados*, tomando como base para a discussão o *numinoso* e *tremendum*, de Rudolf Otto; objetos estes que provocam no sujeito não uma percepção sensível, mas uma reação nos sentimentos. Além de poeta, tradutora e ensaísta, criou as revistas *Diálogo* e *Cavalo Azul*, sendo lançado na 5ª ed, de *Cavalo Azul* três contos. O conto analisado para o presente trabalho relata a visita de Cybele ao solar dos antepassados, onde todos os elementos desde a música até as paredes soam intrigantes e obscuros.

Palavras-chave: Conto; medo; sagrado; *tremendum*; Dora Ferreira da Silva.

AS REPRESENTAÇÕES DO MEDO, DO TRAUMA E DA VIOLÊNCIA EM MAX E OS FELINOS DE MOACYR SCLiar

Ma. Célia Maria Borges Machado (CEMEPE/SME de Uberlândia)
celia.m@uol.com.br

O trabalho aqui apresentado pretende fazer uma reflexão sobre como o medo, a violência e o trauma se configuram na obra “Max e os Felinos” de Moacyr Scliar, publicada em 1981. Trata-se de uma fábula novelesca em que Max, o protagonista da obra, enfrenta muitos medos. Seu pai era um peleteiro de Berlim, um vendedor de peles, grosso e cruel, que um dia obriga Max ir à sua loja, à noite, para apanhar um jornal que lá esquecera e desejava ler. Na loja, havia um tigre empalhado, cuja origem vinha de uma caçada que o pai fizera à Índia, onde o abatera. O tigre empalhado e as recordações de como o comerciante o abatera aterrorizavam o pequeno Max. Mais tarde, já cursando a faculdade, Max se envolve em manifestações antinazistas e acaba vítima das perseguições de Hitler, precisando deixar a Alemanha às pressas. É no percurso de viagem que Max enfrenta seu maior medo: a embarcação em que viaja naufraga e resta ao jovem herói um pequeno escaler que ele acaba tendo que dividir com um grande felino, um jaguar. Passado mais esse susto, Max se instala em uma

região montanhosa no Rio Grande do Sul e descobre que os nazistas que o perseguiram na Alemanha estão ali também. É mais um perigo a enfrentar. Todos esses perigos e medos são formas encontradas por Moacyr Scliar para representar, na literatura, as perseguições e os traumas vividos pelos judeus na Alemanha nazista, as representações da memória de seus antepassados, bem como as dificuldades de adaptação experienciadas pelos imigrantes judeus quando aportaram em terras brasileiras.

Palavras-chave: Representações literárias; medo; trauma; violência.

MEDO E DESEJO EM “LA MORTE AMOUREUSE”, DE THÉOPHILE GAUTIER

Cesar Marcos Casaroto Filho (PUCRS/CNPq)

cesar.casaroto@acad.pucrs.br

No presente trabalho objetiva-se interpretar, sob a perspectiva dos estudos do imaginário de Bachelard (2013), de Durand (2012) e da sociologia do imaginário, a mudança histórica oitocentista de processo de declínio de um modelo de sociedade europeu vigente até então. As figuras monstruosas fantásticas costumeiramente nascem como apanágio de formas de sociedades que estão sofrendo um processo de mudança, são símbolos escatológicos de uma transformação histórica (LEGROS, MONNEYRON et al., 2014). No conto gótico, corpus desse estudo, “La morte amoureuse” [A morta amorosa], de Théophile Gautier, a personagem por quem Romuald, a protagonista, se apaixona, é a misteriosa Clarimonde, de hábitos orientais. O fato de essa estar relacionada com o oriente é relevante, já que o monstro, para ser temido, deve estar fora do cânone vigente, ser um estrangeiro, um não-cânone, um desconhecido (LEGROS, MONNEYRON et al., 2014). Clarimonde vem a abalar as convicções do jovem frade Romuald, colocando em questão o poder do amor que esse nutre pelo Deus cristão. A última entra em conflito com os seus dogmas religiosos, vindo a embater-se com o seu eu apolíneo e o seu eu dionisíaco. É pela alteridade que a figura monstruosa, causadora de horror e de desejo, de Clarimonde, que Romuald pode reconhecer a sua libido, até então desconhecida. O frade Sérapion, relacionado à figura do leão, imagem diurnamente arrolada ao sol, nesse contexto símbolo que conduz a um caminho moral (DURAND, 2012), aparecendo insolitamente em sonho ao jovem frade, é quem aniquila a estranha e temível personagem Clarimonde.

Palavras-chave: imaginário; fantástico; medo; desejo; estrangeiro.

NO MEIO DA FLORESTA: CARVOEIRINHA E O MEDO EM UM CONTO DE FADAS DE FEDERICO GARCÍA LORCA

Cícero Marcos Santos da Silva (UFU)

ciceromarcos1989@gmail.com

As histórias que deram origem aos contos de fadas eram contadas para passar o tempo. Essas histórias, não tendo censura, sugeriam seres fantásticos e também seres reais, pois eram as virtudes humanas postas a prova para demonstrar a complexidade humana ao solucionar os problemas. Um dos grandes dilemas do homem é como lidar com os

medos e o conto de fada trata sobre isso: como vencer o medo da solidão, do abandono, da bruxa, do monstro, do gigante. *O idílio de Carvoeirinha*, em forma de um conto de fadas, faz parte da juventude de García Lorca. O idílio gira em torno de uma menina que vendia carvão e queria viver um grande amor. A narrativa lembra o conto fantástico Cinderela e traz a marca de Lorca nessa versão espanhola. Diferente da história de Perrault ou dos Irmãos Grimm, Carvoeirinha é uma menina pobre que desde pequena se vê na contingência de ajudar o pai. Sua casa fica no meio de um bosque e tudo começa com a chegada das três meninas, suas amigas: uma é morena, outra tem olhos miúdos e a terceira é cega. Esse texto inédito trata dos medos, infantil e adulto, internos e externos, a serem vencidos pelo homem.

Palavras-chave: Conto de fadas; medo; Carvoeirinha; Lorca; fantástico.

O MEDO NO CONTO UM DIA CHEIO, DE CLARICE LISPECTOR

Cirlei Garcia Andrade Vieira
cirlei.garcia@gmail.com

“Será que alguém não sabe o que é um sagüim? É um macaco mínimo, à primeira vista tão pequeno como um rato, e da mesma cor. Foi por isso que a mulher, depois de se sentar no bonde e de lançar uma tranqüila vista de proprietária pelos bancos, engoliu um grito.” (LISPECTOR, 2006, p.122). Assim Clarice Lispector inicia a narrativa em “Um dia cheio”, conto publicado no dia 11 de março de 1952, no tabloide *Comício*, dirigido pelo escritor e amigo Rubem Braga. Em 1974, o mesmo conto será publicado no livro de contos *Onde estivestes de noite*, reintitulado “Uma tarde plena”. Reconhecida pela obra que perscruta a alma humana, Lispector tem sido estudada, não só pelo viés do sublime, mas também do grotesco. A nossa leitura propõe uma análise do referido conto a partir da afirmação de Lovecraft (1987), “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.”. Em “Um dia cheio”, Clarice Lispector utiliza-se de uma simples história, cotidiana, uma mulher que vai ao médico, entra num bonde e se depara com um homem gordo, com um saguim no colo. A partir deste encontro e atração da personagem pelo “pequeno animal”, abrir-se-á, para nós leitores, toda uma gama de relações entre o humano e o não humano animal.

Palavras-chave: Clarice Lispector; medo; medo do desconhecido; humano; não humano.

ARTE DE VANGUARDA, VIOLÊNCIA E TRAUMA: O SURREALISMO SEGUNDO WALTER BENJAMIN

Cláudia Camardella Rio Doce (UEL)
claudiariodoce@yahoo.com.br

Em meio à tensão política do começo do século XX, Walter Benjamin foi uma testemunha privilegiada das transformações sociais e artísticas daquele período, e não deixou de observar que a violência da arte de vanguarda vinha como resposta, e até mesmo como solução, à violência da própria política que levava a Europa a caminho da

segunda guerra mundial. Para o pensador alemão, o choque a que eram submetidos os combatentes de guerra se assemelhava ao choque a que eram submetidos diariamente os habitantes dos grandes centros urbanos, através dos inúmeros e crescentes aparatos tecnológicos e modernização das cidades. Se, por um lado, a frequente exposição ao choque causava o embotamento da sensibilidade, tornando o sujeito parte da massa amorfa, por outro, somente o choque poderia despertá-lo do estado de automatismo alienante e, quiçá, reverter o temerário destino para o qual se encaminhava. O trabalho proposto pretende refletir sobre esta contradição do choque e sua utilização pelo surrealismo que, segundo Benjamin, estava muito além de uma proposta estética ou literária, apresentando-se mais como um procedimento que reunia experiências de inestimável alcance político. O impacto de tais experiências foi tamanho, para o pensador, que ele chegou a reformular seu próprio projeto filosófico de acordo com o procedimento da montagem e do choque, a fim de provocar efeito semelhante às iluminações profanas que identificava no surrealismo.

Palavras-chave: surrealismo; Walter Benjamin; violência.

LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS, CONTO DE FADAS E MEDO: RELAÇÕES (IM) POSSÍVEIS

Dalva Ramos de Resende Matos (UFG/CAPES)

dalvaresende@yahoo.com.br

O conto de fadas é uma das ferramentas culturais mais importantes no processo de formação inicial do leitor literário, pois além de encantar a todos por meio da arte literária, da fantasia e dos seus significados psicológicos, também presta suportes simbólicos para o desenvolvimento infantil. Nesse gênero, encontra-se o amor, o medo, a autodescoberta, a imoralidade, a virtude etc. Entretanto, ao ser transportado de sua esfera original para o livro didático de português (LDP), a hipótese é que os contos de fadas sofrem alterações que deturpam as versões autênticas, comprometendo a essência de produções clássicas e modernas. A partir desses pressupostos, este trabalho visa socializar resultados parciais de uma pesquisa quantitativa e qualitativa interpretativa sobre a didatização desses contos no LDP do Ensino Fundamental (EF) I, fundamentada à luz de aportes teóricos das áreas da Educação, Literatura, Linguística, Psicologia e Psicanálise. O objetivo, neste momento, é apresentar características gerais da coletânea das coleções *Porta Aberta: letramento e alfabetização* e *Porta Aberta: língua portuguesa*, com foco na análise e interpretação de dados referentes à incidência, autoria e adaptações necessárias à didatização desse gênero, bem como destacar exemplos ilustrativos do des(favorecimento) de contos que trazem o medo como uma de suas molas propulsoras. Essas coleções didáticas fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2013) e são as mais adotadas nacionalmente no EF I. Espera-se que este estudo forneça subsídios para a discussão sobre a ficcionalização do medo na narrativa, bem como para o redimensionamento das formas de escolarização da literatura.

Palavras-chave: Conto de fadas; Didatização; Livro Didático; Letramento literário; Medo.

EM CARNE VIVA: CORPO, SEXO E HORROR NA LITERATURA BRASILEIRA

Daniel Augusto P. Silva (UERJ)
daniel.augustopsilva@gmail.com

Uma das características mais frequentemente ressaltadas nos estudos sobre a ficção de horror é sua capacidade de desencadear reações físicas em seu público, tais como o medo e a repulsa. Mais do que frutos de subjetividades e idiosincrasias da recepção, esses efeitos seriam o resultado das próprias construções artísticas do gênero. Por esse motivo, é comum a classificação da literatura de horror como um **gênero corporal**, que teria como finalidade despertar respostas fisiológicas no leitor. Na mesma categoria, é comumente agrupada a pornografia, cujo propósito seria o de causar excitação. A partir dessa linha de pensamento baseada sobretudo nas reações corporais suscitadas, seria possível aproximar o horror da ficção de cunho erótico. A ligação entre os dois não é, aliás, nada rara: a literatura calcada no medo, tributária do gótico do século XVIII, apresenta em si mesma várias temáticas e transgressões sexuais. Muitas vezes, inclusive, o horror é associado a deteriorações físicas e mentais de cunho sexual. Assim, o presente trabalho tem como objetivos, primeiramente, refletir sobre as ligações na literatura entre sexo, horror e corpo e, em seguida, analisar de que maneira essas relações são estabelecidas em obras brasileiras da metade do século XIX ao início do XX. Para tal, esse estudo basear-se-á em narrativas como *Violação* (1899), de Rodolfo Teófilo, “Maibi” (1908), de Alberto Rangel e “O Juramento” (1932), de Humberto de Campos.

Palavras-chave: literatura gótica, sexualidade, sadismo, perversão sexual, pornografia.

DE WILSON A VOLDEMORT: PARA UMA METAMORFOSE DO DUPLO

Danilo de Castro Fernandes Queiroz (UNESP)
danioloshaamam@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo apontar e analisar a manifestação do duplo em relação à personagem Voldemort, da saga Harry Potter. O tema da duplicação, já bastante caro e estudado na literatura, sobretudo na literatura gótica, constitui a cisão do indivíduo em dois, seja como uma oposição ou como desdobramento entre “eu” e “outro”. Partindo-se do fato de que esse tema encontra como texto fundador “*O Homem da Areia*”, de E. T. A. Hoffmann, e como maior representante o conto de Edgar Allan Poe, *William Wilson*, pretende-se traçar uma breve linha cronológica das principais e mais significativas obras literárias que abordam o assunto, para a partir dessa linha, explorar também a obra de Rowling, na qual encontra-se o fenômeno do duplo, manifesto na relação Tom Riddle/Voldemort, porém, já evoluído e contendo algumas diferenças significativas em relação ao duplo clássico. Para tal investigação usaremos como aporte teórico-crítico o livro *Der Doppelgänger* (O Duplo), de Otto Rank, texto fundamental que inaugura e define as bases do estudo sobre o tema, assim como o texto “*Das Unheimliche*”, de Sigmund Freud, que aborda o fenômeno do Estranho e analisa o texto já mencionado de

Hoffmann. Pretende-se, com essa escolha, abordar a manifestação do duplo por um viés psicanalítico.

Palavras-chave: Duplo; Voldemort; Literatura; Psicanálise.

O MEDO DO ABRAÇO: LENDO LYGIA BOJUNGA

Edson Maria da Silva (UFU)
edysonmaria@yahoo.com.br

Este trabalho lida com a questão do desejo e da morte no livro *O Abraço* (2005), de Lygia Bojunga, partindo do pressuposto de que entre o desejo e a morte figura-se a inquietude, a angústia, a ansiedade, a melancolia, afetos que, no decorrer da obra, norteiam as ações da personagem principal até o desfecho. Em *O Abraço* após o estupro da personagem principal, paradoxalmente o medo de morte e desejo sexual são despertados nela. Então, ao não saber a respeito do que se sente, mescla-se o não-saber o que se busca, pois tudo é um emaranhado de afetos. Dessa maneira, pretende-se analisar, a partir da obra citada, como se dá a relação entre o desejo e a morte entrelaçados pelo medo, que marcam o corpo da personagem como vivência sexual dramática e continuamente buscada. Assim, a fim de abranger e aprofundar o nosso trabalho, tendo em vista o enriquecedor diálogo entre literatura e filosofia, lançaremos mão das reflexões de Slavoj Žižek para entendermos as relações entre o gozo e desejo, assim como a ligação entre esses e a figura do abraço; não se olvidando da ideia de que o desejo possui uma familiaridade com o inquietante, naquilo que Sigmund Freud denominou de o estranho familiar. Como apoio teórico teremos as obras de: Ana Maria Portugal Saliva (2004), S. Freud (1996) e o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2006). A bibliografia sobre o medo será referenciada no trabalho a ser apresentado.

Palavras-chave: Medo; Desejo; Morte; Estranho; *O abraço*.

A PALAVRA E A DESCONSTRUÇÃO DO MEDO EM UMA GARRAFA NO MAR DE GAZA

Élida Mara Alves Dantas
elidamaravilha@hotmail.com

“Estes são dias de trevas, de tristeza e de horror. O medo voltou.” Essas palavras abrem *Uma garrafa no mar de Gaza*, da escritora francesa Valérie Zenatti, e dão acesso a dois universos particulares e, como quer a leitura que comumente se faz do conflito árabe-israelense, completamente antagônicos. Após um atentado próximo à sua casa, Tal, uma adolescente israelense, decide fazer com que o “rio de palavras” que precisa sair de dentro de si, e que deságua constantemente por meio de sua escrita, seja, pela primeira vez, lido por alguém. Então, em forma de um pedido de diálogo com uma pessoa do universo oposto, o rio de Tal deságua em uma carta, que deságua em uma garrafa lançada ao mar de Gaza. E essa carta é encontrada por Naim, um adolescente palestino que, embora demore um pouco para se dar conta, também precisa se agarrar a esse diálogo como quem se agarra ao único fio de esperança que lhe resta. E assim, como uma metáfora para a dissolução do conflito árabe-israelense, o diálogo entre esses dois

adolescentes vai sendo tecido de maneira que se entenda que somente à palavra cabe a empreitada de transcender o medo, o ódio, as incertezas, as inseguranças, as forças preponderantes desse conflito. E é à luz do escritor israelense David Grossman, que acredita na palavra como único recurso capaz de salvar o homem da guerra, que analiso essa premiada obra que foi traduzida para diversos idiomas e que rendeu uma transposição para o cinema.

Palavras-chave: *Uma garrafa no mar de Gaza*; Literatura francesa; Conflito árabe-israelense; Medo; Escrita.

HISTÓRIA DO OLHO: A FIGURA REPULSIVA DO PAI E O MEDO DA MORTE TRANSFIGURADOS EM EROTISMO

Emiliana Oliveira Tavares (UFU)
tavaresemiliana@gmail.com

O presente trabalho propõe uma leitura de *História do olho*, de Georges Bataille, como uma narrativa que transfigura, em erotismo, a memória repulsiva do pai e o conseqüente medo da morte provocado por ela. Pretende-se discutir a doença que faz do pai uma figura asquerosa como o interdito paterno, exercido não pela castração à qual, em alguma medida, toda educação de um filho recorre, mas pela repulsa involuntária causada por seu caráter escatológico. Nesse sentido, tanto a acepção sexológica e literária do termo escatologia quanto a teológica são pertinentes para a análise proposta: a primeira pela transfiguração do asco pelo pai em práticas eróticas e a última pela evocação da morte suscitada pelos dejetos conseqüentes da enfermidade paterna, os quais, segundo o próprio Bataille, escancaram o inevitável fim de todo corpo, ou seja, a sua putrefação, o fim de seus tempos.

Palavras-chave: Repulsão; medo; morte; transfiguração; erotismo.

A PRESENÇA DO INSÓLITO NO SERTÃO DO BRASIL: ANÁLISES DO CONTO “O ESTRANHO CASO DA ORELHA DE LOLÔ”, DE BERNARDO ÉLIS

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (UERJ)
fabianna_bellizzi@yahoo.com.br

A corrente regionalista, durante o Modernismo, mostrou-se de modo mais autêntico e local, ganhando voga surpreendente através do conto sertanejo, como bem observou Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2000). Isso não impediu, porém, que ainda resvassem influências europeias na literatura, adentrando todo o Século XX e espraiando-se ainda em direção ao XXI. Publicado em 1944, o conto “O caso inexplicável da orelha de Lolô”, de Bernardo Élis, no qual notamos aspectos do gótico em sua escrita, transita com bastante desenvoltura pelo insólito, mostrando o alheamento e abandono das pessoas que não pertenciam às esferas do poder. Representando a parcela massacrada, a personagem principal, Lolô, negro e agregado de uma fazenda, assume a voz às pessoas do sertão goiano, submetidas à violência dos mais poderosos. Nesse conto, Élis expõe a face desacreditada de uma parcela da

população brasileira, esquecida pelas elites e que não nutria esperança alguma de melhoras. Tem-se por objetivo, neste estudo, demonstrar como os representantes da corrente regionalista, durante o Modernismo, tomando como exemplo a obra de Bernardo Élis, fizeram ecoar fortes críticas sociais contra aqueles que subjogavam e humilhavam pessoas – os pobres e miseráveis do sertão brasileiro. A metodologia se pauta em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo do trabalho

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Insólito; Regionalismo; Bernardo Élis.

A ENCENAÇÃO DO MEDO EM “TERÇA-FEIRA GORDA”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Fábio Figueiredo Camargo (UFU)
fcamargo3@uol.com.br

No conto “Terça-feira gorda”, publicado em 1984 por Caio Fernando Abreu, em *Morangos Mofados*, narra-se a história de dois homens que se conhecem em um momento de carnaval e têm um encontro amoroso na praia. Partindo da cena sexual homoerótica narrada, este trabalho pretende analisar como o medo é configurado devido a determinadas imagens e expressões que aparecem em meio ao ato sexual e a decorrência do ato para os personagens. Para cumprir nosso objetivo, trabalharemos com as teorias de Georges Bataille, Michel Foucault, Beatriz Preciado, dentre outros.

Palavras-chave: Homoerotismo; Medo; Literatura brasileira; Memória e identidades.

O MEDO NOS CONTOS “O HORLA”, DE MAUPASSANT E “O VISITANTE”, DE VICTOR GIUDICE

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)
fernandasyl@uol.com.br

Guy de Maupassant, prolífico escritor do século XVIII, renovador da narrativa curta, dedicou parte de seu trabalho a temas vinculados ao psicológico e ao insólito. Em um de seus contos mais famosos e antologizados, “O Horla”, o autor francês aborda a questão do duplo, da loucura e da manifestação de um ser misterioso denominado Horla, que o perturba, fazendo-o perder o sono e a razão e pensar na possibilidade de ter enlouquecido. Victor Giudice, escritor brasileiro, dedicou-se mais especificamente ao gênero conto entre as décadas de 70 e 90. Muitas de suas narrativas curtas permeiam o insólito, como “O visitante”. Giudice foi funcionário de um banco e seus primeiros contos, por exemplo, “O arquivo”, abordam a burocracia em estilo kafkiano. A leitura dos contos “O Horla” e “O visitante” evidencia o diálogo entre as duas obras literárias, levando-nos a crer que Giudice tenha sido um provável leitor de seu predecessor francês, Maupassant. Tanto no conto de Giudice, quanto no de Maupassant, os protagonistas são acometidos pelo medo, entretanto, a forma de amedrontamento é bastante diversa. Em “O Horla”, o protagonista teme o ser invisível que o visita, acreditando até na possibilidade de ter enlouquecido; em “O visitante”, o medo do protagonista reside justamente na ausência do ser misterioso que o visita, na possível

solidão que a falta desse ser possa lhe ocasionar. Dentro desse contexto, pretende-se discutir as facetas tão diversas do medo nas narrativas citadas.

Palavras-chave: insólito; medo; Maupassant; Giudice.

CARMILLA, DE SHERIDAN LE FANU: UMA (RE)LEITURA SOB O VIÉS DA ESPACIALIDADE GÓTICA.

Fernanda de Santana Alves de Sousa (UFTM)

fernanda.sas@hotmail.com

Luciana Moura Colucci de Camargo (UFTM/USP)

Luciana Moura Colucci de Camargo

O crítico J. Gordon Melton, em o *Livro dos Vampiros* (2003), elabora a enciclopédia dos mortos-vivos, uma importante fonte documental sobre o universo vampírico que há séculos faz parte e desafia o imaginário humano. O estudioso destaca que é extraordinária a popularidade da figura do vampiro nas mais diversas culturas tanto da tradição Oriental quanto da Ocidental. Melton esclarece ainda que no Ocidente houve uma forte retomada da personagem do vampiro e de toda sua sorte de motivos e temas, principalmente após o lançamento, em 1994, do filme *Entrevista com o Vampiro* baseado na obra homônima de Anne Rice, e à celebração, em 1997, do centenário da publicação de *Drácula* (1897), de Bram Stoker (1847-1912). Embora, o vampiro “stokeriano” seja a criatura mais emblemática do universo vampiresco, é necessário recuar no tempo para resgatar a obra *Carmilla* (1872) que, de acordo com Silva (2010, p.13), é a principal fonte de inspiração para Stoker. Publicada vinte e cinco anos antes de *Drácula*, *Carmilla*, ao apresentar como protagonista uma vampira com forte apelo erótico e sobrenatural, torna-se uma das narrativas mais populares no século XIX. Expostos tais fatos, esclarecemos que o objetivo deste estudo é, por meio de pesquisa bibliográfica, revisitar *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu (Irlanda, 1814-1873), explorando sua escritura literária sob o viés da construção do tempo e do espaço e sua “íntima” relação com a herança “medieval” da maquinaria gótica (BOTTING, 2006, VASCONCELOS, 2002 e COLUCCI CAMARGO, 2008), pois, logo nas primeiras linhas da obra, lemos: “Na Estúria (...), residimos num castelo, ou *schloss* (...) o *schloss* exhibe a sua fachada de muitas janelas, as torres e a capela gótica” (LE FANU, 2010, p.41). Ademais, o viés temático também será abordado, pois *Carmilla* é uma personagem que representa a transgressão dos valores sociais, em diversas esferas: financeira, moral, religiosa. Assim, temas como o medo, a morte e a transgressão constituem-se em vetores que movimentam as engrenagens da maquinaria gótica, sobretudo em relação à espacialidade.

Palavras-chave: Carmilla; vampiro; gótico; espaço.

DE ARREPIAR: A FICCIONALIZAÇÃO DO MEDO NAS NARRATIVAS INDÍGENAS “HISTÓRIA DE KĂWÉRA” E “HISTÓRIA DE MAMPINGUARY” DE YAGUARÊ YAMĂ

Francisco Bezerra dos Santos (UEA)

francisco.santos362@gmail.com

A literatura indígena produzida no Amazonas traz em seu corpus as representações fantásticas pintadas pelo fabuloso que é a Amazônia, com seus seres sobrenaturais e mistérios que desafiam a razão. É também nesta literatura que os indígenas simulam seus medos e perigos a partir de seres insólitos como o Kăwéra e o Mampinguary, demônios assustadores que permeiam o imaginário indígena. Acredita-se que a utilização do medo na representação de seres fantásticos nessas narrativas passa a ser um recurso utilizado pelo escritor Yaguarê Yamã como forma de refletir a emoção estética produzida pela criação literária, que mediante a recepção do leitor, o mesmo experimenta sensações de perigo e terror sem que esteja realmente sujeitos a eles, isto é, quando a fonte de medo representa um risco real a quem experimenta, entrando assim no campo das emoções estéticas. A partir desse pressuposto a presente investigação pretende tecer considerações sobre como o medo se manifesta e como conduz a caracterização e a ação das personagens nas narrativas “História de Kăwéra” e “Histórias de Mampinguary” do livro *Contos da floresta*, da etnia Maraguá, povo conhecido por suas histórias de assombração que traz histórias de arrepiar temperadas com uma boa dose de suspense e magia, apresentando também um fundo pedagógico ao abordar esses seres sobre-humanos como protetores da floresta que castigam os que não a respeitam. Para a referida pesquisa utilizar-se-á como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica dialogando com diferentes estudiosos acerca da temática em questão como: Felipe Furtado, Howard Phillips Lovecraft e outros estudiosos que contribuirão para a consolidação deste trabalho.

Palavras-chave: Medo; Narrativas indígenas; Yaguarê Yamã; Amazonas.

OS ESPAÇOS DO MEDO EM *NEVERWHERE*

Gabriele Cristina Borges de Moraes (UNESP/CAPS)

gaby_cbm@hotmail.com

Pretendemos, através deste trabalho, discutir a maneira como Neil Gaiman explorou o medo humano através da ambientação no romance *Neverwhere* (1997). Temos, a princípio, o protagonista, Richard Mayhew, que subitamente deixa de existir no mundo real e passa a viver em uma cidade paralela a Londres, a chamada London Below, localizada em seu subterrâneo. Richard deve se adaptar ao novo mundo, já que não há possibilidade de retorno ao mundo real, portanto, presenciamos ao longo do romance o herói passar do estado de estranhamento à familiarização com a London Below. No entanto, mesmo já habituado ao novo local, o herói se depara com espaços que causam terror até mesmo em seus nativos, como a Night's Bridge, onde nos deparamos com o medo do escuro; a provação dos Blackfriars, em que há o questionamento da sanidade do herói; e o labirinto onde se encerra a Grande Besta de Londres, alegoria para a luta entre animal e humano, instinto e razão, inconsciente e consciente. Entendemos a ambientação como a construção de um cenário impregnado de um clima psicológico,

como conceituado por Borges Filho, e partiremos das teorias da topoanálise e da psicanálise para entender a maneira como isto é feito por Gaiman em seu romance, que se classifica como fantasia para o público adulto.

Palavras-chave: ambientação; medo; topoanálise; Neil Gaiman; *Neverwhere*.

CORPO INSÓLITO/CORPO VIOLÊNTO: A GUERRA EM TRÊS GAMES DA SÉRIE RESIDENT EVIL

George Lima (UESB/CAPES)

george_llima@hotmail.com

O nosso objetivo no presente trabalho é enfrentarmos unidades discursivas na superfície de inscrição dos três primeiros jogos da série de games *Resident Evil* (1996, 1998, 1999). Essa nossa análise em relação às unidades discursivas acontece precisamente na observação da produção de controle dos discursos em jogo, mostrando relações entre as mecânicas do jogo e os resultados provenientes dessas mecânicas. Essas unidades discursivas constituem formações ficcionais do insólito de modo que cruza sua materialidade com posições para o monstro zumbi. Considerando esses aspectos, analisaremos a medida pela qual a violência é fator determinante na constituição das relações de guerra nesses games. Dizer isso corresponde falar que as relações entre as condutas autogovernadas e as resistentes a esse governo lampejam violência ao entrarem em contato umas com as outras, e, desse modo, colocando em jogo um quadro de violência contemporânea. Para tal análise, seguiremos os seguintes procedimentos teórico-metodológicos: primeiro, descreveremos a funcionalidade discursiva de mecânicas do jogo e de seus resultados; em seguida, analisamos como essa funcionalidade discursiva atravessa os aspectos morfológicos dos corpos em guerra; e, por fim, investigamos a maneira pela qual a violência se apresenta como aspecto determinante nos procedimentos de governos tomados para si pelo avatar frente às condutas resistentes do corpo insólito do zumbi materializados nos videogames.

Palavras-chave: Violência; Governamentalidade; Relações de Guerra; Contemporaneidade; Videogames.

O MEDO E O CÔMICO: A HISTÓRIA DA DECADÊNCIA DO CAMARADA KALI TCHIKATI'

Gisele Pimentel Martins (UFU)

gipimarti@gmail.com

D'Angeli e Paduano (2007) conseguem perceber uma relação entre o medo e o cômico e ensinam que “A mais simples das ocasiões cômicas a respeito da morte acontece quando o terror absoluto do evento se estende a tudo o que diz respeito à morte: locais funerários, atmosferas de luto, credices sob aparição de fantasmas, etc.” (p. 237). A novela, objeto de estudo do presente trabalho, “L'Étonnante et dialectique déchéance du camarade Kali Tchikati” do volume *Jazz et vin de palme* (1982) do autor congolês Emmanuel B. Dongala, consegue associar as típicas representações do medo, como maldições, rituais de invocação de espíritos, transmutação, entre outras,

a elementos cômicos, sugerindo que tais representações podem render, além do medo, o efeito cômico. A novela traz, ainda, uma interessante discussão entre o medo dos ancestrais de Kali, personagem principal da narrativa, e o medo do Partido político ao qual Kali é filiado e um dos principais membros. Esse projeto narrativo cria um interessante contraponto entre o que é reconhecidamente sobrenatural - como as maldições e feitiços invocados pelo tio de Kali - e o que acaba ganhando contornos sobrenaturais - a intervenção do partido na vida de Kali e na (des)constituição de suas crenças tradicionais. Mostrando-se este, o Partido, como legítimo elemento causador do medo e do terror. Percebe-se que a personagem apresenta um medo bidirecionado: de um lado, o medo da fúria dos ancestrais, de outro, o medo das punições do Partido. O conto apresenta um retrato contemporâneo do espaço ocupado pelas religiões tradicionais africanas no mundo pós-independência.

Palavras-chave: terror; cômico; literatura africana; Emmanuel B. Dongala.

A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS ATÓPICOS: LOLA BENVENUTTI

Gleice Antonia Moraes de Alcântara (UFSCar)
gmoraesalcantara@gmail.com

Rilmara Rôsy Lima (UFSCar/FAPESP)
rilmaraosy@gmail.com

O ápice da indústria pornográfica emerge em distintas práticas discursivas ao longo da história da circulação de discursos sobre a sexualidade, não se deu a ver como um longo rio tranquilo, muito pelo contrário, as formas de interdição desses discursos - atópicos - estão acompanhadas de regimes de verdades e saberes que são e estão a serviço de uma sociedade que controla o que pode e deve ser dito, instaurando-se assim uma polícia dos enunciados (Foucault, 1998, apud. Souza, p. 198). Posto isso, este trabalho se propõe tecer sucintas considerações sobre os discursos legitimados a circular e aqueles que são dados como práticas de leituras silenciadas e/ou proibidas. Neste sentido, tomamos as manifestações do horror em nossa literatura como discursos atópicos, dada à ausência de uma tradição da crítica literária, a partir da perspectiva do medo, dito de outra maneira, analisamos os discursos sobre a sexualidade representado pela pornografia e o erotismo enquanto produções literárias que esbarram nos pudores sociais e considerados de vocabulário “baixo”, que entram em cena pelas portas dos fundos da literatura. Tomamos como referencial teórico-analítico os postulados da Análise de Discurso de orientação francesa, a partir das reflexões de Dominique Maingueneau (2010) e como objeto de análise a obra *O prazer é todo nosso* (2014) de Lola Benvenuti, evidenciando como a sociedade contemporânea através dos discursos que põe a circular sobre a representação da sexualidade instaura uma política do medo.

Palavras-chave: Sexualidade; pornografia; atopia; circulação; Lola Benvenuti.

A LIQUIDEZ, A TRANSGRESSÃO E HOMOEROTISMO EM “O MARINHEIRO”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Guilherme Augusto da Silva Gomes (UFU)
guilhermeaugg@gmail.com

O presente estudo propõe analisar as cenas homoeróticas presentes no conto "O marinheiro", publicado em "Triângulo das águas", de Caio Fernando Abreu. A obra de 1983 é composta pela simbologia dos três signos de água do horóscopo ocidental (Peixes, Câncer e Escorpião), conforme informado na apresentação da obra feita pelo autor já em 1991. A diegese da segunda novela analisada, que representa o signo de Escorpião, apresenta um relacionamento homoerótico, a ruptura deste e a solidão, sentimentos vivenciados pela personagem narradora e um marinheiro. Utilizaremos o conceito de homoerotismo, de Jurandir Freire Costa, em "A virtude e o vício". Tomaremos a noção de transgressão apresentada por Georges Bataille, em "O erotismo", que é um dos pilares que fundamenta o desejo como oposição aos interditos sexuais impostos milenarmente à sociedade que regem e controlam os corpos, principalmente os homoeroticamente inclinados. A solidão e a vivência da ruptura serão observadas à visão de Bauman, em "Amor líquido", obra que trata da fragilidade dos laços humanos. Verificaremos as recorrências estilísticas na narrativa que reforçam o fato de Abreu ser tão estudado não só pelo fato de seus textos serem pós-modernos, já que trabalham as frustrações e conflitos dos indivíduos, mas também por desconstruir os padrões heteronormativizados. Nesse sentido acreditamos dar um passo além da crítica literária que, ao analisar as obras do autor em tela está mais preocupada com os contextos históricos e sociais.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; O marinheiro; Homoerotismo; Literatura Brasileira.

OS AGENTES DO MAL NA LITERATURA DOS IRMÃOS GRIMM

Guilherme Weber Gomes de Almeida (UFG)
gweber.gw@gmail.com

A crueldade se faz presente de uma maneira geral em praticamente toda a literatura dos irmãos Grimm. Cabe lembrar que eles não assinaram a autoria original de suas histórias, já que a publicação de *Kinder-Und Hausmärchen* foi resultado de uma pesquisa ampla que visou um mapeamento das manifestações culturais e folclóricas dos povos de origem germânica (há outras publicações como livros e artigos acerca desse estudo, mas a coletânea de contos populares é a obra mais conhecida e estudada até hoje). A cultura popular atual faz uso frequente da expressão "contos de Grimm" para se referir as histórias coletadas e narradas pelos pesquisadores alemães, mas é conveniente destacar que as mesmas já existiam na tradição oral europeia e o foco principal dos estudos dos irmãos Grimm não era investigar a gênese dos contos, mas registrar os valores e crenças culturais, folclóricos e religiosos germânicos que estavam ali presentes. O trabalho de coleta e registro dos contos de *Kinder-Und Hausmärchen*, não exime Jacob e Wilhem Grimm de um ter certo grau de autoria nas narrativas, que assim como Charles Perrault, lidam com temáticas obscuras e polêmicas, que em um primeiro momento, não deveriam fazer parte de um conteúdo literário destinado a

crianças. O presente artigo, vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG- Regional Catalão analisa a maneira que a obra *Kinder-Und Hausmärchen*, de Jacob e Wilhem Grimm, instrumentaliza o medo por meio de elementos como a violência, assassinatos, conspirações, ambição, mutilações, canibalismo e feitiçaria que são utilizados por agentes do mal (representados por lobos, monstros, bruxas e madrastas) em alguns de seus contos mais conhecidos pelo grande público. É importante notar que nos contos dos Grimm, a luta do bem contra o mal é apresentada de modo que no final da história, o bem prevalece por meio de um desfecho moralizante.

Palavras-chave: Literatura; Irmãos Grimm; Medo.

ENTRE ÁRVORES E SANGUE: A NATUREZA SUBLIME DO SERTÃO

Hélder Brinate Castro (UERJ)

helderbrinate@yahoo.com.br

Em diversas narrativas góticas, a natureza, por seu caráter grandioso, destruidor e incontrolável, reveste-se de um certo terror, podendo se configurar como uma das principais fontes do sublime. São recorrentes, portanto, descrições de cenários naturais intimidadores e aterrorizantes, como vastas paisagens, florestas sombrias e selvagens, estrondosas cachoeiras e abismos colossais, frente aos quais as construções humanas, fadadas a se tornarem ruínas, e o próprio homem, em sua pequenez e fragilidade, sucumbem. Coelho Neto, por meio de uma retórica de excessos, em seu conto “A tapera” (1897), expõe um sertão brasileiro que, além de ser um *locus* de atraso e inóspito, recobre-se de uma selva arrebatadora, destruindo o que fora uma próspera fazenda e reduzindo o proprietário desta a um ser silvano. Imponente, essa floresta ganha tons sublimes e sobre-humanos, situando o interior do país como um espaço narrativo favorável à manifestação da poética gótica. O presente trabalho visa, pois, a analisar como se dá o sublime sobrenatural no sertão coelhoneteano e suas consequências na construção e concepção de um cenário interiorano contrário à civilização e ao progresso. Como fundamentação teórica, pautaremos na teoria de sublime desenvolvida por Edmund Burke em *Uma investigação filosófica sobre as nossas ideias do sublime e do belo*.

Palavras-chave: Sublime sobrenatural; Poética Gótica; Literatura Brasileira; Sertanismo; Coelho Neto.

A MANIFESTAÇÃO DO INSÓLITO E SUA RELAÇÃO COM O MEDO NO VISCONDE E NO CAVALEIRO, DE ITALO CALVINO

Helen Cristine Alves Rocha (UFU/CAPES)

helen-c@bol.com.br

O medo é causado por aquilo que nos ameaça física e psicologicamente, ou por aquilo que não conhecemos. Isto posto, podemos afirmar que o insólito é um elemento causador de medo, dado que é a representação daquilo que não conhecemos empiricamente. Por isso, considerando-se que em algumas narrativas fantásticas o efeito

da leitura exerce um papel fundamental em sua relação com o medo, e com o sentimento “inquietante”, de Freud (2010), este artigo tem como tema analisar o tratamento do insólito e como ele é um elemento causador de medo, procurando entender de que maneira ele se constrói no corpo de dois protagonistas de Italo Calvino: o Visconde e o Cavaleiro, presentes nos livros *O Visconde Partido ao Meio* e *O Cavaleiro Inexistente*. Pretendemos, ainda, investigar que efeito o insólito desencadeia no contexto narrativo, tendo em vista que o corpo do Visconde e do Cavaleiro é o espaço de onde emerge e onde habita o insólito. Para tal fim, tomaremos como fundamentação teórica obras que tratam da especificidade da literatura fantástica, elegendo como obras básicas para sua compreensão os estudos de Tzvetan Todorov (2004), Filipe Furtado (1980, 2013), Lenira Marques Covvizi (1978) e Howard Phillips Lovecraft (1987). Para os estudos psicanalíticos, sobre o medo e o sentimento “inquietante” elencamos Freud (2010), Zygmunt Bauman (2008), Jean Delumeau (2007), Nathalie Frogneux (2007), Maria Rita Kehl (2007) e Maria Izabel Limongi (2007). Dentro dos estudos sobre a ideologia e espaço teremos o auxílio das obras de Marisa Martins Gama-Khalil (2012).

Palavras-chave: Insólito; Medo; Inquietante; Visconde; Cavaleiro.

O CENÁRIO DO MEDO EM “A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”: O CORPO-ESPAÇO NA IMAGEM CINEMATOGRAFICA.

Isa Ferreira Lima (UESB)
isa.lima.facebook@gmail.com

Apoiando-nos principalmente na ideia de corpo-espaço, tomando o conceito a partir de Milanez & Khalil (2013), esta proposta consiste em esquadrihar a arquitetura dos espaços cruciais de “A máscara vermelha da morte”, filme de 1964 dirigido por Roger Corman, e verificar as leis e os códigos que fazem com que a obra funcione no campo do horror. O estudo se sustenta na materialidade fílmica, mas o texto homônimo do escritor Edgar Allan Poe, com primeira publicação datada de 1842 – e do qual o filme se declara uma livre adaptação, é tomado para um batimento da descrição arquitetônica com a audiovisualidade dos ambientes apresentados por Corman. Tal alternativa possibilita a eclosão de similitudes nas estratégias de construção do medo – para além da classificação genérica, no nível de elaboração discursiva. Questões e procedimentos da teoria do discurso são desenvolvidos ao lado de recursos audiovisuais – tomados enquanto estratégias – para analisar os possíveis desdobramentos do sujeito dentro dos espaços; investigar como o corpo é delineado e posicionado no interior dos ambientes; e, por fim, argumentar como estes locais colaboram para que o corpo do monarca se projete enquanto o corpo da própria morte.

Palavras-chave: Roger Corman; corpo-espaço; discurso fílmico.

DRÁCULA E O CAPITAL

Isabel de Almeida Telles (UNESP)

isabelmacari@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como finalidade expor a relação de metáfora do vampiro com o capital apresentada na obra *Drácula*, de Bram Stoker. Partimos da análise da obra e do estudo de textos como *O mal estar na civilização* de Sigmund Freud, *Manifesto do partido comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels e ainda uma leitura de Marshall Berman em *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, pretende-se evidenciar como o vampiro pode ser uma metáfora para o capitalismo a partir do contexto histórico em que está inserida a obra e algumas interpretações acerca da motivação do vampiro em questão. Sabe-se que tanto Drácula como o capital estão impelidos por uma força de relação de poder relacionada a um crescimento contínuo e ilimitado na expansão dos seus domínios: dinheiro, assim como o vampiro necessita, para a própria sobrevivência, da exploração de outros. Ambos vivem apenas porque absorvem, respectivamente, a força do trabalhador e o sangue do homem.

Então, enquanto o vampiro está condicionado a fazer vítimas humanas, o capitalismo está condicionado ao acúmulo. A classe burguesa britânica do século XIX não tinha o monopólio capitalista tão desenvolvido quanto o de outros países; sendo assim, essa economia pode ser vista como algo externo, que ameaça. Nesse sentido, também podemos fazer um paralelo entre a figura do capitalismo e do vampiro como uma ameaça externa, e tudo que é desconhecido é mais temeroso.

Palavras-chave: Drácula; Capitalismo; Burguesia.

“LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS”: IMUNIZAÇÃO, VIOLÊNCIA E MEDO NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Isabella Borges Gregório (UFU/CNPq)

isaabg@gmail.com

O conto “La lengua de las mariposas”, que compõe o livro *Qué me quieres, amor*, do escritor espanhol Manuel Rivas, narra a relação de um menino com seu primeiro professor – um republicano – na transição entre a Segunda República Espanhola e o golpe que instaurou a Guerra Civil Espanhola. O presente estudo propõe uma análise do conto à luz do conceito de *Imunização*, do filósofo italiano Roberto Esposito, para refletir sobre mecanismos de poder que estimulam a violência e o medo entre os cidadãos, por meio da normalização de condutas, a fim de impedir vínculos comunitários e, assim, instalar-se facilmente nas microesferas da sociedade.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola; imunização; medo; domesticação.

TERRORISMO E VIOLÊNCIA: OS GERADORES DO MEDO CONTEMPORÂNEO EM SATURDAY, DE IAN MCEWAN

Isaiás Eliseu da Silva (UEP)
isaiaseliseu@gmail.com

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 tornaram-se mote para literaturas nacionais, especialmente para a anglófona. Don DeLillo e John Updike são exemplos de ficcionistas canônicos que se utilizaram do contexto daqueles eventos para compor romances bem sucedidos nos mercados editoriais americano e estrangeiro. Na Inglaterra, outro consagrado autor, Ian McEwan, lança, em 2005, *Saturday*, obra que toma o terrorismo como pano de fundo de uma narrativa que problematiza as relações humanas na metrópole afetada pelas implicações decorrentes do terror. A partir do romance, o presente trabalho propõe investigar o modo como a literatura representa a instalação do medo contemporâneo na grande cidade do século XXI por conta da proliferação do terror e da violência. A metodologia consiste em abordar o romance de McEwan com vistas à análise de como elementos narrativos tais como personagens e espaço unidos ao contexto histórico dramatizam o medo nos dias atuais. Para tanto, baseará a argumentação a teoria de Zygmunt Bauman, especialmente as obras *Tempos líquidos* (2007) e *Confiança e medo na cidade* (2009). Também oferecerão suporte teórico *Globalização, democracia e terrorismo* (2007), do historiador Eric Hobsbawn e textos de comentadores do trabalho de Ian McEwan, tais como Martin Ryle, que detecta no romancista inglês uma pulsão por ficcionalizar aquilo que trará ao leitor a sensação de pertencer a uma comunidade sociopolítica.

Palavras-chave: Medo; Terrorismo; Violência; Ian McEwan; Eric Hobsbawn.

CENAS DE MEDO EM SAPATO DE SALTO, DE LYGIA BOJUNGA

Italiene Santos de Castro Pereira (UFU)
italiene@gmail.com

Lygia Bojunga Nunes situa-se entre os autores de literatura infantil e juvenil que tematizam os problemas da sociedade contemporânea, especialmente onde a criança é vitimada. Assim sendo, temas, como a morte, o abandono, o estupro, o homossexualismo e a prostituição infantil, são pontos-chaves da obra *Sapato de Salto* (2006), de Lygia Bojunga. A autora cria a narrativa em torno de uma personagem principal – uma criança –, e ao seu redor surgem novos personagens que acrescentam novas informações, vividas em histórias paralelas. A protagonista é Sabrina, uma menina de “quase dez anos”, que nasce e vive a maior parte de sua vida em um orfanato, é “adotada” por uma família para ser babá de duas outras crianças e passa a ser abusada sexualmente pelo pai delas. Logo depois, a Tia Inês encontra a garota e a leva embora para viver com ela e a avó. No entanto, quando pensamos que a menina terá uma vida tranquila e sem o perigo do desamparo, a escritora não preserva a criança das terríveis realidades do mundo: de início ela precisa aprender a conviver com a loucura da avó; e, quando acreditamos que já basta de sofrimento, a protagonista é testemunha impotente do assassinato da Tia Inês. Dessa forma, quando cremos que não há mais como a história se entremear, Sabrina assume a responsabilidade de cuidar da avó, sua única família, e lança-se no mundo da prostituição. Dito isso, este trabalho pretende

analisar as cenas de medo presentes na obra, especialmente a do assassinato, a do estupro, a da pedofilia e a do desamparo, visto que a garota vive cercada dessas imagens de medo.

Palavras-chave: Lygia Bojunga; Sapato de Salto; Medo; Desamparo.

O DESCONHECIDO, A RELAÇÃO DO MEDO EM *O QUARTO DA PORTA DE AÇO*

Jamille da Silva Santos (LABEDISCO)

jjmillesilva@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção do espaço e dos personagens inscritos no conto *O quarto da porta de aço* de Alex Mir para pensarmos a construção do medo. O conto está inserido em uma coletânea de contos relacionados ao mito do Lobisomem, que retrata o duelo entre a figura do homem Geraldo contra a fera interior que se apresenta nas noites de lua cheia em um quarto com uma porta de aço. Para tanto, usaremos como referencial teórico, os pressupostos de Michel Foucault, da maneira como o compreendemos na Análise do Discurso praticada no Brasil, e para refletirmos sobre a construção do medo usaremos os postulados de Novaes, Poe e Lovecraft onde o mesmo afirma que o maior medo que a humanidade possui é o medo do desconhecido. Assim, vemos funcionar em nosso conto uma construção de medo por meio, de um (des) conhecimento da animalidade interior do personagem, que faz funcionar uma multiplicidade de espaços dentro da narrativa, para tal estudo tomaremos a perspectiva de Gama-Khalil. Assim, nesse trabalho refletiremos sobre o funcionando em nossa narrativa três espaços de construção do sujeito, o espaço do homem, o do lobisomem e o espaço do quarto da porta de aço e como os mesmos estão inseridos em uma ambientação de incertezas que coloca personagens e leitores em estado de medo.

Palavras-chave: Homem; lobisomem; espaço/corpo; medo.

MATERIALIDADES RECONFIGURADAS: O MEDO E O TERROR COMO FIO DISCURSIVO NA TRADUÇÃO DA NARRATIVA “BERENICE”, DE EDGAR ALLAN POE.

Jaqueline Aparecida Campos (UEM /CNPq)

jaque767@hotmail.com

O seguinte trabalho propõe discutir o conto do célebre Edgar Allan Poe “Berenice” para a adaptação feita para a TV no seriado do canal FOX intitulado “Contos de Edgar”. Na TV, o episódio recebe o nome de “O sorriso de Berê”, e acontece em São Paulo, em pleno século XXI. A proposta consiste em analisar as imagens discursivas em relação às duas materialidades situadas em diferentes condições de produção. A tradução recontextualiza a obra literária de um texto original (texto de partida), gerando outras imagens, reinscrevendo-a numa outra realidade, na qual é percebida. Inscrita na ideologia, a tradução é concebida, por Lefevere (1992), como um processo por meio do qual se transforma o texto original (texto de partida) tornando-a aceitável do ponto de vista da poética vigente em torno da obra e autor em que é traduzida. Ainda nos

utilizaremos de Fish (1980), que nos ampara em relação a seguinte pergunta: até que ponto uma tradução pode ser considerada adaptação e vice-versa? E o que seria a transgressão nesse processo? Nesse percurso, o fio condutor das duas materialidades é o terror e o medo, que se mantêm, mas são reconfigurados do texto escrito para a TV. Por esses caminhos procuraremos entender um pouco melhor as noções de tradução, adaptação e transgressão no que se refere ao conto como texto de partida e ao episódio televisivo como texto de chegada, e como esses processos interferem ou não no clima de suspense, medo e mistério, típicos dos contos de Poe, neste caso ressignificados para a série televisiva.

Palavras-chave: medo; tradução; transgressão.

A CONSTITUIÇÃO DO MEDO ATRAVÉS DA SUPERSTIÇÃO PRESENTE EM “LA LETTERA U”, DE IGINO UGO TARCHETTI

Jéssica Soares Fradusco (UNESP)
jessicasfradusco@gmail.com

Embora possa se manifestar de diferentes formas, o medo é também encarado como uma materialização do desconhecido, sendo provocado pela sensação de ver-se diante de uma criatura e/ou situação estranha às normas do mundo real e que, por isso, não encontra nele definição ou explicação. Assim também acontece com o medo frente a uma situação que era familiar, mas que passa a apresentar-se como algo diferente do que se conhecia anteriormente. Em outras palavras, trata-se do conceito de “*unheimlich*” apresentado por Freud, segundo o qual, algo que era conhecido deixou de sê-lo por uma alteração ou descaracterização de sua manifestação original – trata-se do reprimido que retorna. Por meio dessa concepção, é possível analisar o medo apresentando no conto de Tarchetti como a manifestação de uma força desconhecida que ganha forma por meio da superstição e passa a dominar a vida do protagonista.

No entanto, como é típico da narrativa fantástica, estabelece-se uma hesitação acerca da existência do elemento sobrenatural que domina o protagonista: até que ponto o medo não é uma criação do próprio indivíduo, uma criação de sua mente? Em suma, a partir das percepções apresentadas pelo protagonista, será analisada a constituição do medo-superstição que assola o protagonista e a sociedade como um todo, uma vez que, apesar de toda a evolução humana e com ela, todo o ceticismo experimentado na atualidade, a sensação universal de medo - sentimento basilar, comum a todos os indivíduos - nunca se dissipará, apenas tomará novas formas de materialização.

Palavras-chave: Tarchetti; Medo; Superstição; Lettera U.

O SUJEITO MULHER TRANSGÊNERO E A FUGA DA MONSTRUOSIDADE: CORPO E VOZ EM VÍDEOS DO YOUTUBE

Joanne Nahla Sousa dos Santos (UESB)

Este trabalho tem como objetivo compreender o posicionamento da mulher transgênero em vídeos do Youtube que produzem práticas pedagógicas para feminizar a voz, tendo como material três vídeos postados entre 2012 e 2015: "Male to Female: Voice

Feminization", "Transgender Voice Lesson 1" e "First Steps in Voice Feminization || Aurora". Analisaremos as normas de existência estabelecidas quanto ao gênero, tomando as teorias foucaultianas em torno do controle social do corpo, da norma enquanto poder sobre a vida e dos modos de resistência para o sujeito. Problematizaremos como o sujeito em questão, que resiste às normas impostas por um gênero binário através de características anatômicas no seu nascimento, também se submete às normas de constituição do gênero pelo comportamento. Acreditamos que o processo de feminilização da voz a busca se adequar à norma social de pertencimento para um campo dado à voz da mulher, que está associado a sua morfologia corporal da maneira como é reconhecida socialmente. O sujeito mulher transgênero, então, aceita conformar a voz ao corpo por uma possibilidade de que sua existência seja validada por quem está no poder e para não assumir o lugar monstruoso através do conflito entre voz e corpo, que a excluiria da identificação como mulher. Ela procura, assim, uma possibilidade cisgênero - não aparentar ser transgênero, sendo reconhecida como mulher desde o nascimento - para inserir-se no convívio social.

Palavras-chave: gênero; transgênero; norma; controle; monstruosidade.

**“QUEM NÃO TEM DO CARNAVAL A SUA AVENTURA?”: O TESTEMUNHO
DA ABJEÇÃO NO CONTO
O BEBÊ DE TARLATANA ROSA, DE JOÃO DO RIO.**

Prof. Dr. João Paulo Ayub (UFG)
joaoayub@gmail.com

O conto *O bebê de Tarlatana Rosa*, do escritor carioca João do Rio, conduz a narrativa ao desvelamento de uma intensa experiência de abjeção, surpresa e horror, “sensação de angustioso imprevisto...”. Num movimento que faz transbordar os excessos característicos da temporalidade carnavalesca (realização plena, efusiva, do “baixo” corporal, nos termos de M. Bakhtin), o personagem Heitor de Alencar narra a história de um encontro espantoso com uma face desmascarada: o cair da máscara do bebê de tarlatana rosa abre as portas de entrada a uma territorialidade informe, violenta, espaço irreduzível de negação das formas corpóreas consagradas que compõem o rosto humano. Sob a inspiração da afirmação de Georges Bataille, segundo a qual “é o excesso que ilumina o sentido do movimento”, pretende-se destacar o papel performático da narrativa literária de João do Rio no registro do processo de emergência do Real, entendido aqui enquanto dimensão do vivido que excede a capacidade de apreensão subjetiva. Esse instante de desencontro com a realidade, evento traumático, não pode ser representado nos termos clássicos da representação enquanto adequação da expressão à realidade. A arte da narrativa ficcional se destaca no desafio que consiste em traduzir a experiência intraduzível da abjeção, materializada no conto através da imagem de “uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinante - uma caveira com carne...” A experiência do horror narrado no conto revela, ainda, uma das características estruturantes do conceito de abjeção tal como pensado por Bataille, qual seja, a relação indissociável entre angústia e prazer, desejo e medo.

Palavras-chave: João do Rio; representação; abjeção; testemunho; excesso.

A (RE) CONSTRUÇÃO DO MEDO EM RECONTOS ESCOLARES

Josiane Tavares Silva (UFU/CAPES)

josianetsi@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar um trabalho de pesquisa desenvolvido em sala de aula de uma escola pública com reconto de “Chapeuzinho Vermelho”. Será analisado como alunos de anos finais do ensino fundamental recebem e (re) constroem o medo em suas próprias elaborações de recontos a partir do conhecimento que possuem do conto maravilhoso “Chapeuzinho Vermelho”. Conforme David Roas (2014) “diferentemente da literatura fantástica, na literatura maravilhosa o sobrenatural é mostrado como natural, em um espaço muito diferente do lugar em que vive o leitor”. Apesar disso, em seus recontos, os alunos utilizam aspectos que perpassam a própria realidade, utilizando elementos do seu conhecimento prévio, algumas vezes amenizando o medo, outras, intensificando-o em suas produções de texto. Flávio Garcia, Julio França e Marcello de Oliveira Pinto (2013) afirmam que “inerente à nossa natureza, o medo está intimamente ligado aos mecanismos de proteção contra o perigo e aos instintos de sobrevivência, sendo intensificado pela consciência humana de nossa finitude.” Essa (re) construção e recepção do medo podem ser analisadas pelos efeitos estéticos e sensações estéticas, já que, segundo os autores citados, “quando experimentamos sensações de perigo sem que estejamos realmente sujeitos aos riscos, (...) entramos no campo das emoções estéticas”.

Palavras-chave: Medo; Reconto; Chapeuzinho Vermelho.

DOIS PLANOS DE HORROR EM *O BEIJO DA MULHER ARANHA*, DE MANUEL PUIG

Juan Ferreira Fiorini (UFU)

fiorini.juan@gmail.com

No romance *O beijo da mulher aranha*, do autor argentino Manuel Puig, é em meio à condição espacial restrita (o cárcere) em que se encontram os dois protagonistas, Luís Molina e Valentín Arregui, que o primeiro começa a contar filmes para o segundo como um modo de subverter a realidade dos dois e, ao mesmo tempo, distrair e atrair o outro personagem, conformando uma teia repleta de narrativas minuciosas e de alto teor imagético. Entre as histórias narradas, duas das produções cinematográficas apresentadas por Molina merecem destaque: *Sangue de pantera* e *A morta viva*, ambos os filmes B produzidos nos anos 1940 que apresentam elementos e personagens característicos do horror cinematográfico, como seres transmorfo e zumbis. Além do mais, a própria situação em que se encontra o par de protagonistas gera, por si só, uma situação de medo constante: uma cela em uma prisão sul-americana na década de 1970. O que se pretende neste artigo é estabelecer uma relação de dois planos do horror na obra de Manuel Puig, sendo que em primeiro temos a condição a que estão submetidos os personagens e em segundo, as narrativas cinematográficas de Molina em que, através dos personagens “a mulher pantera” e “a mulher zumbi”, o próprio personagem se se identifica.

Palavras-chave: Manuel Puig; literatura argentina; O beijo da mulher aranha; horror.

O MEDO INSULTUOSO EM A MÁQUINA DE JOSEPH WALSER, DE GONÇALO M. TAVARES

Juliana Florentino Hampel (USP)
juflorentino@usp.br

O “medo insultuoso” presente no romance *A máquina de Joseph Walser*, do escritor português Gonçalo M. Tavares, demonstra de que modo o horror da guerra se insinua para o interior da vida de personagens estranhas, transformando-as em seres autômatos, que quase se confundem com as máquinas da indústria para a qual trabalham. Nesse contexto de assassinatos em massa, o medo dá vida ao mundo particular do indivíduo comum. O medo “grande”, que faz com que o mundo individual faça sentido e no qual a banalidade do mal está presente em cada gesto e atitude, apresentando um cenário povoado pelo individualismo das ações e frieza das decisões. Nesse ambiente, o protagonista da narrativa, Joseph Walser, após um grave acidente ocorrido na fábrica onde trabalha, é exposto ao clima de insegurança, perigo e medo constante do conflito armado. Apesar disso, ele procura se manter imune aos acontecimentos, isolando-se em um pequeno escritório em seu apartamento, no qual cultiva o gosto por ampliar sua “coleção particular” de peças metálicas, em busca de um sentido para sua existência. No âmbito da desordem do acaso, a escolha do autor pelo uso de uma linguagem exata, a fim de “dar conta, com a maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas” (CALVINO, 2012) busca descrever uma possibilidade atual de compreender o presente e suas contradições. Em tais circunstâncias, o homem contemporâneo é a prova factual da inexistência da moral como suporte existencial do indivíduo e da “apologia do exacto em detrimento do transcendente e teológico” (SOUSA, 2010).

Palavras-chave: medo; horror; linguagem; exatidão; conflito.

RESTOS DO CARNAVAL, RESTOS DO MEDO

Juliana França Gonçalves Gimenes (UFU)
juduudson@yahoo.com.br

O medo, expresso por uma palavra tão forte quanto seu próprio significado, adquire várias definições e ocorre em diferentes situações, sendo um elemento merecedor de destaque na ficção. Por se tratar de um sentimento vasto e gerador de diferentes expectativas na narrativa, o medo faz com que a situação do personagem que o expressa seja alvo de atenção do leitor, envolvendo este último numa gama de sentidos e emoções. Com base nessa dialética, no conto “Restos do carnaval”, Clarice Lispector relata momentos de medo que ela vivencia, nos dias de carnaval, na observação dos foliões e no fato de temer a impossibilidade de realização de um desejo: participar desta festividade. Sendo assim, o conto aproxima o sentimento da personagem com a expectativa do leitor fazendo com que este último tema também pela personagem. Lispector apresenta diferentes vieses do medo, sendo este relacionado ao temor pelas máscaras humanas disfarçadas nas máscaras de carnaval; medo relacionado ao trauma vivenciado em virtude da mãe doente e medo angustiante do episódio de enfermidade

da mãe comprometer sua felicidade diante de sua participação no carnaval. Percebe-se, portanto, a relevância que o medo adquire para acentuar o sentimento da voz que protagoniza assim como do envolvimento do leitor nesta narrativa.

Palavras-chave: Medo; Trauma; Máscara; Carnaval.

VIVOS X MORTOS: A CONSTRUÇÃO DO MEDO E A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO APOCALIPSE ZUMBI DE OS MORTOS-VIVOS, DE ROBERT KIRKMAN

Júlio Cezar Pereira de Assis (UFU)
juliocezar_assis@yahoo.com.br

Esta pesquisa empreende um estudo acerca das formas de enunciar o medo em produções fílmicas de horror; ou seja, busca-se, por meio da arqueogenealogia foucaultiana, analisar o enquadramento do medo nas imagens em movimento, produzidas para compor a estrutura dos filmes de horror, como um dos modos de produção do corpo contemporâneo demarcado pelo horror. Desta maneira, o objetivo deste trabalho é contribuir com a (re) criação da história dos modos como os medos contemporâneos estão na ordem da constituição dos modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos nesta época do simultâneo, da justaposição, do próximo, do longínquo, do lado a lado, do disperso. É um empreendimento de inspiração foucaultiana na medida em que operamos com alguns elementos de sua maquinaria teórica tais como: dispositivo; acontecimento discursivo; discurso e enunciado. É justamente no trabalho de Foucault que encontramos, no dizer de Dreyfus e Rabinow, o mais importante esforço contemporâneo não só para desenvolver um método de se estudar os seres humanos, como também de diagnosticar a situação atual de nossa sociedade. Nestes empreendimentos, o corpo aparece como “um protagonista incontornável e multiforme” seja nas pesquisas arqueológicas, seja nas pesquisas genealógicas. Aqui, procura-se articular as reflexões destes empreendimentos realizados por Foucault com o trabalho de Metz em *A significação no Cinema* com a semiologia de Roland Barthes.

Palavras-chave: Enquadramento; Medo; Corpo; Horror fílmico.

UTOPIAS E DISTOPIAS NA OBRA *O CENTAURO NO JARDIM* DE MOACYR SCLIAR

Kamilla da Silva Soares (UFU)
kamillahistoria@hotmail.com

Esse trabalho tem como intuito desenvolver uma análise literária dos elementos que compõe a obra “*O centauro no jardim*”, do escritor Moacyr Scliar escrita em 1980. Nessa metáfora do centauro, ser mitológico metade homem metade cavalo, construída por Scliar, encontram-se vários elementos que interligam sua vida com a do narrador-personagem, como o sonho americano vivido pelos judeus de “fazer a América” e com isso terem uma sorte dupla: melhorarem de vida e fugirem das perseguições vividas na Europa no começo do século XX. O livro contempla as várias representações

sistematizadas da vida do personagem judeu, bem como sua relação com a sociedade brasileira a partir dos anos de 1930, época de seu nascimento. No primeiro capítulo, o narrador personagem *Guedali* está em um restaurante comemorando seu aniversário de 38 anos. Assim o mesmo retoma sua vida nos próximos 10 capítulos para concluir a história de forma cíclica. Estas representações são carregadas de simbologia judaica que possuem uma religião milenar e que preservam suas culturas e tradições independentes do lugar geográfico que estejam. Uma dicotomia compartilhada entre a figura do centauro e a trajetória do judeu, e uma incessante busca por seu lugar em volta dos diversos êxodos que ocorreram em sua história.

Palavras-chave: Narrativa; História; judaísmo.

O HOMEM DUPLICADO DE JOSÉ SARAMAGO: O MEDO E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE TERTULIANO MÁXIMO AFONSO

Karina Luiza de Freitas Assunção (UFU)

karinalfa@gmail.com

A presente proposta toma como fundamentação teórica a análise do discurso de linha francesa (doravante AD), os estudos realizados por Michel Foucault e a discussão sobre o medo apresentada por Roas (2011). Para a AD o discurso implica uma exterioridade à língua, pois as palavras ao serem pronunciadas carregam em si aspectos que remetem para o lugar social e histórico no qual o sujeito que as proferiu está inscrito. Por sua vez, o sujeito se constitui por um conjunto de vozes sociais, bem como do entrecruzamento de diferentes discursos que remetem para o lugar sociocultural e histórico no qual está inserido. Segundo os apontamentos de Roas (2011), o medo é responsável por várias emoções, dentre elas temos: temor, espanto, terror, ansiedade e melancolia. Além disso, ele menciona que a ideia do sujeito ser duplicado faz com que ele duvide da coerência do real e da ilusão que os sujeitos possuem de serem unificados. Embasados nessas considerações, o objetivo da presente apresentação será analisar como se articula a constituição da subjetividade de Tertuliano Máximo Afonso, personagem principal do romance **O homem duplicado** (2008) de José Saramago, a partir de suas experiências que causam medo. Buscaremos compreender o medo desse sujeito frente a possibilidade de ter um outro sujeito igual a ele e os sentidos que emergem dessa situação.

Palavras chave: medo; discurso; sujeito; subjetividade.

A CORPSE BRIDE E O MEDO DA SOBREVIDA À MORTE EM CONTOS DE ÁLVARES DE AZEVEDO E FAGUNDES VARELA

Karla Menezes Lopes Niels (UFF)

karla.niels@gmail.com

Desde tempos imemoriais o medo, em especial o medo do desconhecido, tem sido explorado pelas artes. Na literatura de cunho fantástico esse sentimento, qual efeito estético, pode emanar de qualquer tema desde que provoque um determinado

desconforto no leitor que o atraia à leitura, ora imobilizando-o, ora dando-lhe asas (Montaigne, 1991). Todavia, serão principalmente os temas relacionados à morte e à sobrevida aqueles a elevar a imaginação humana à sua máxima capacidade. Isso porque o medo ficcional apresenta-nos uma resolução momentânea, que ameniza, por um curto tempo, nossos horrores mais profundos sem que a fonte do medo represente um risco real; o que confere ao ato de leitura a geração de um prazer peculiar (King, 1978, 2007); não necessariamente é evasivo, mas sobretudo questionador. É esse mesmo sentimento, o medo, que David Roas tem considerado como fator potencializador do fantástico, posto que, “a transgressão que o texto fantástico provoca [...] gera inevitavelmente uma impressão aterrorizante tanto nos personagens quanto no leitor” (2014, p 58). Refletindo sobre tais aspectos, a ficcionalização do medo e sua conversão em efeito de leitura, propomos neste trabalho uma análise comparativa entre os contos “Solfieire” de Álvares de Azevedo e “As ruínas da Glória”, de Fagundes Varela; contos que retomam a figura lendária da *Corpse Bride*, a Noiva Cadáver, ao abordar a sobrevida à morte pelo viés do gênero fantástico.

Palavras-chave: fantástico; ultrarromantismo; Álvares de Azevedo; Fagundes Varela; literatura brasileira.

IMAGENS BESTIAIS: HILDA HILST E O MEDO NO MITO DE PERSÉFONE

Profa. Ma. Karyne Pimenta de Moura Costa (UFU)
karynepdm@yahoo.com.br

As narrativas de medo circundam o imaginário mítico, revivificado na contemporaneidade pelas artes em geral. A literatura recorre aos mitos para engendrar o homem em uma esfera de atemporalidade. A temática do medo na narrativa literária percorre estruturas profundas da psique humana e encontra aí o estuário fundante de manifestações culturais. Gilbert Durand evoca a presença do medo nas manifestações humanas pelas imagens bestiais: “O animal é assim, de fato, o que agita, o que foge e que não podemos apanhar, mas é também o que devora, o que rói.” (DURAND, 2002, p. 90). Vários mitos são explicativos do medo, dentre eles, o mito de Perséfone é esclarecedor sobre a maneira como o homem se embate perante o desconhecido e o terrificante. Hilda Hilst (1930-2004) produziu textos líricos que se vinculam ao texto narrativo por recorrerem a narrativas míticas. Na obra *Do desejo* (2004), o canto III traz imagens bestiais que se imiscuem à revigoração do mundo subterrâneo, por Perséfone, como representação do medo: “De uma fome de afagos, tigres baços / Vêm se juntar a mim na noite oca. / E eu mesma estilhaçada prenhe de solidões / Tento voltar à luz que me foi dada” (HILST, 2004, p. 44). A metodologia que servirá de viés para a leitura do poema denomina-se análise mitocrítica, investigação dos mitos, imagens e símbolos que urgem do texto literário. A partir dessa leitura, objetivamos reconhecer, no mito de Perséfone e na bestialidade da imagem “tigres”, de que maneira o poema se torna representativo do medo.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Mito de Perséfone; Imaginário bestial; Representação do medo; Medo na literatura.

O MEDO DA MORTE EM *EL DUENDE*, DE ELENA GARRO

Ms. Keula Aparecida de Lima Santos (IFTM)

keulalima@hotmail.com

De acordo com Lovecraft, “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido” (1987, p.1). Nesta comunicação, a questão apontada por Lovecraft será tomada como ponto de partida para discutir o medo da morte e suas representações no conto *El Duende*, da escritora mexicana Elena Garro. A narrativa adentra o universo infantil para, a partir dessa perspectiva, enveredar por uma das maiores angústias do ser humano: a morte. Para discutir essa questão, também será importante destacar a constituição do tempo e dos espaços que permeiam a narrativa, uma vez que as representações estéticas do medo e da morte são expressivamente espaço-temporais. Para a personagem Leli, por exemplo, a morte é uma queda infinita em um poço negro. Dessa forma, para ampliar essas reflexões sobre o conto, tomaremos como base os estudos de Gaston Bachelard sobre a fenomenologia das imagens e os espaços poéticos do homem, bem como as concepções de Michel Foucault sobre os espaços heterotópicos e utópicos. Quanto às teorias que darão apoio à abordagem sobre o medo como componente estético, serão discutidas as contribuições teóricas de Jean Delumeau, Noël Carrol, Philippe Airès e Rafael Llopis.

Palavras-chave: medo; morte; tempo; espaço.

A INDETERMINAÇÃO DO ESPAÇO MARGINAL: A CONSTRUÇÃO DO MEDO E DA INSEGURANÇA URBANA FRAGMENTADA PELA ÓTICA DA ESCRITA DE MARCELINO FREIRE

Lara Rodrigues Silva (UFU)

lararodrigues15@gmail.com

Gabriel Rodrigues Alves Santos (UFU)

Gabriel Rodrigues Alves Santos

Neimar da Cunha Alves (UNUBE)

Configurando-se pela heterogeneidade e polifonia das cidades modernas, a contemporaneidade acaba por fragmentar-se e constituir-se em um espaço-tempo que caracteriza os sujeitos, aí inseridos, pelo medo e, por conseguinte, pela ansiedade. Partindo de tal viés, pressupõe-se aqui refletir, embasados na teoria da “modernidade líquida” de Bauman, a respeito da insegurança e da indeterminação dos tempos atuais. Para tal, serão selecionados contos da obra de Marcelino Freire, contidos nos livros *Contos Negreiros* e *Rasif – Mar Que Arrebenta*. O autor trabalha em seus contos as relações entre o centro e a periferia refletindo sobre o medo, a insegurança e a indeterminação que rege o cotidiano do homem moderno. A literatura marginal, vislumbrada aqui pela escrita de Marcelino Freire, destrincha as relações entre o sujeito marginalizado pela perspectiva da violência e da dominação hegemônica, marcando seu cotidiano e suas experiências a partir desse contraste. Este trabalho está ligado às produções do PET Conexões de Saberes: Educomunicação, cujos projetos desenvolvidos são esboçados para promover reflexões e inclusões sociais, tanto aos

menos favorecidos economicamente ou àqueles que a sociedade omite ideologicamente de seu processo.

Palavras-chave: literatura marginal; periferia; medo; modernidade líquida.

DESMISTIFICANDO O MEDO DO CONTO TRADICIONAL DA CHAPEUZINHO VERMELHO NO CONTO CONTEMPORANEO DE ANGELA CARTER

Larissa Caroline Ribeiro (UFU)
larissa.caroline.r@hotmail.com

O presente trabalho foi desenvolvido baseado no projeto de pesquisa submetido no programa de pós-graduação em estudos literários, na Universidade Federal de Uberlândia. Na contemporaneidade, tem-se um aproveitamento dos contos de fadas clássicos como forma de subvertê-los, transformá-los e relê-los dentro de uma nova perspectiva, que rompe com o passado, apresentando novas perspectivas para problemáticas como a do medo, por exemplo, mais condizentes com a sociedade vigente. Não faz mais sentido pensar-se no real e em grandes narrativas diante de um mundo repleto de simulacros, globalizado, povoado por excessivas informações. Não há mais espaço para a moral ingênua dos contos de fadas clássicos e o mundo revela isso por meio de textos literários que fazem uma nova leitura dos contos de fadas muito mais densa e fatalista. O mundo contemporâneo exigiu uma nova postura em relação à literatura de cunho maravilhoso, mas a essência que move o gênero continua, por isso sua permanência por um longo período de tempo, sua sobrevivência na literatura atual. Embora as fadas, as bruxas e os meios mágicos não sejam mais os mesmos e nem tenham as mesmas funções, eles possuem um mesmo propósito: alimentar a fantasia do leitor, o mundo do faz de contas e do era uma vez, mesmo que desnudado e chamado à realidade brutal da contemporaneidade. O conto maravilhoso, principalmente representado pelo conto de fadas, ainda é muito presente na contemporaneidade. Angela Carter resgata o conto Chapeuzinho Vermelho e escreve uma releitura que desmistifica o medo presente no conto tradicional, fazendo com que o conto seja mais adequado ao contexto atual. Diante disso, investigaremos como o conto tradicional Chapeuzinho Vermelho trabalha a questão do medo, contrastando-o com a releitura contemporânea do conto “The Wolves”, de Angela Carter.

Palavras-chave: contos de fadas; Angela Carter; releitura; Chapeuzinho Vermelho; medo.

ATUALIZAÇÕES E DESVIOS DO MEDO EM AL BERTO

Leonardo de Barros Sasaki (USP)
leoarrudab@gmail.com

Para leitura proposta da obra do escritor português Al Berto (1948-1997), interessa-nos refazer minimamente a marcha do medo, sobretudo no século passado, para ilustramos o quanto *medo* é construção de muitas vozes em disputa. Ao elegê-lo como componente matricial de sua poética – as obras completas são intituladas *O Medo* –, o poeta

movimenta muito dessa herança cultural através de atualizações e subversões. Risco e administração do medo; discurso da ordem e marginalidade; Estado de proteção social e *safety*; intimidade, exposição e vigilância dos indivíduos; neutralização dos afetos e moral do corpo: compõem o inventário de temas com os quais gostaríamos de resumidamente estabelecer diálogo. Não se trata de levantamento que apenas considere o medo como tema, mas como elemento estruturante de escolhas formais – quer pela escrita (auto) biográfica; quer pelo vocabular sentimental/afetiva; ou quer ainda pela dissolução das fronteiras tanto dos gêneros literários, quanto do sujeito/objeto. Dada a capilaridade do tema na contemporaneidade, para além de trabalhos no campo literário de teorização das emoções, utilizaremos contribuições vindas da história (Jean Delumeau e Joanna Bourke), sociologia (Paul Virilio e Zygmunt Bauman), geografia (Yi-Fu Tuan) e filosofia (Lars Svendsen). Isso demonstra que o medo nos ensina as formas como uma sociedade se relaciona; lembra-nos das inseguranças e das respostas que construímos a elas; explicita as normas e interditos aos quais estamos sujeitos e as estratégias de insurgência, transgressão e resistência contra eles; fala-nos, em resumo, da esperança mesma de construirmos coletiva ou individualmente sentidos à nossa existência, à nossa presença no mundo.

Palavras-chave: Al Berto; poesia portuguesa contemporânea; medo; marginalidade; escritas de si.

O ABRAÇO DE MEDO HORROR EM LYGIA BOJUNGA

Lilian Lima Maciel
lilianlet@let.ufu.br

O estudo parte da análise do livro *O abraço*, de Lygia Bojunga, com o objetivo de evidenciar a construção das espacialidades na narrativa, em especial, para o corpo enquanto espaço de conflito, verificando como tais espaços relacionam-se com a constituição do fantástico. Enfocaremos também o paradoxo entre o título da obra *O abraço* que sugere uma relação afetuosa e de carinho, mas que pela própria capa do livro e no desenrolar da história se mostra um abraço de violência, medo e horror vinculados igualmente à personagem simbólica da morte. Para iluminar essa análise tomaremos como base as noções que Michel Foucault formulou sobre as espacialidades: as utopias, heterotopias e atopias; e também no estudo de Deleuze e Guattari sobre o espaço liso e estriado. Para a análise dos aspectos fantásticos nesse enredo, que como veremos o real e o insólito estão tão imbricados a ponto de não percebermos as fronteiras, será indispensável o apoio teórico de Tzvetan Todorov e Remo Ceserani. Para o estudo do medo utilizaremos as teorias de Howard Phillips Lovecraft e Jean Delumeau e sobre o corpo os estudos de Jean-Jacques Courtine.

Palavras-chave: Espaço; Corpo; Abraço.

A CONSTRUÇÃO DA TOPOFOBIA EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*

Lilliân Alves Borges (UFU)

lillianborges85@gmail.com

Nosso trabalho possui como objetivo demonstrar como se configura a construção de um espaço topofóbico pelo narrador-protagonista na obra *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, possuindo como corpus de análise o capítulo 14 do vol. II da referida obra. O conceito de topofobia é utilizado pela Topoanálise para demonstrar como entre o espaço e a personagem da narrativa há uma ligação geradora de sentimentos negativos, disfóricos. Analisaremos, por meio do percurso espacial feito pelo narrador-protagonista (galpão- fila do banheiro- banheiro), o processo de construção de um espaço marcado pelo medo, humilhação; intentando demonstrar de que forma os recursos estéticos, tais como os gradientes sensoriais e as coordenadas espaciais corroboram para o desenvolvimento de um espaço topofóbico. Os gradientes sensoriais são os sentidos humanos usados para mostrar como o narrador-protagonista mantém uma relação com o espaço e, para nossa análise, destacaremos os seguintes: audição, visão e tato. As coordenadas espaciais com as perspectivas da prospectividade e da lateralidade irão estabelecer em que eixo espacial está estabelecido o percurso feito pelo narrador-protagonista. Percebemos que durante o percurso espacial percorrido pelo narrador-protagonista temos uma gradação de sentimentos relacionados ao medo, gradação essa gerada por cada um dos espaços percorridos. Na gradação há um aumento dos sentimentos de desgosto, de indignação, de medo. Verificamos, dessa forma, que o narrador-protagonista vivencia um espaço permeado por medo, humilhação, angústia, vergonha e que essa disforia colabora para que possamos compreender e aceitar o relato das memórias narradas.

Palavras-chave: Espaço; Topofobia; Memórias do Cárcere; Gradientes Sensoriais; Coordenadas Espaciais.

QUEM DEVE TEMER BRUXAS E MADRASTAS? RELENDO O DISCURSO MASCULINO NOS CONTOS DE FADAS

Lívia Maria de Oliveira (UFU)

livia_oliveira08@yahoo.com.br

O medo se faz presente em muitas narrativas da tradição oral que tinham como base ensinar uma lição, assustar ou alertar as crianças sobre os perigos que poderiam encontrar em seu caminho. Dentre as histórias da oralidade, os medos se relacionavam à floresta, à morte, ao falar com estranhos, ao não ter o que comer, à possibilidade de serem comidos e abandonados pelos pais. Como representação desse medo nos contos de fadas tradicionais, temos a figura das madrastas, das bruxas, dos lobos e/ou dos ogros devoradores. Nas versões contemporâneas, o medo e o pavor causados tanto pelas madrastas quanto pelas bruxas são subvertidos. No entanto, nas narrativas tradicionais essas duas personagens femininas estão sob o comando do discurso masculino, mas algumas diferenças são fundamentais. Para esse trabalho, propomos as seguintes questões: quem deve temer as bruxas e as madrastas? Elas são representações do mal e do medo para as princesas indefesas e o imaginário infantil ou para o discurso masculino pela possibilidade de seus significados serem minados? As tentativas de

respostas para essas questões se basearão nos estudos de Jennifer Waelti-Walters (1981) e Marina Warner (1999), considerando que as experiências relatadas pelos contos de fadas quanto a essas duas figuras nos remetem à necessidade de reavaliar tais narrativas, a fim de que o desenho gravado na memória, em relação à figura feminina de poder enquanto representação do medo, seja questionado e reconsiderado, dentro de um processo de “re-visão” (RICH, 1985).

Palavras-chave: Contos de fadas; Representação do mal; Representação do medo; Madrastras; Bruxas.

A FICCIONALIZAÇÃO DO MEDO EM “O HOMEM QUE CARREGA A MORTE NAS COSTAS”, DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Lorena Faria de Souza (UFU/CAPES)
lorenarevisao@yahoo.com.br

GENS (2004) discute a fascinação que as narrativas fundamentadas no susto e no pavor exercem nas crianças e jovens, haja vista a multiplicação, principalmente nas últimas três décadas, de livros e filmes que provocam sensações de horror e têm no medo seu tema principal. Nesse sentido, é pertinente aos profissionais ligados à leitura voltarem seus olhares para a questão do medo na narrativa, a fim de proporem a seus alunos experiências de leitura que contemplem a vivência da atmosfera do horror e que busquem compreender as condições que levam ao prazer através do medo. Diante disso, o presente trabalho pretende analisar como se configura a ficcionalização do medo na lenda de origem africana “*O homem que carrega a morte nas costas*”, presente no livro “*Lendas Negras*”, de Júlio Emílio Braz, além de relatar uma experiência de leitura dessa lenda junto a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, numa escola pública estadual da cidade de Uberlândia-MG. O objetivo da proposta foi levar ao conhecimento dos estudantes uma história que contemplasse, além dos valores normalmente comuns em lendas da África, a questão do medo e do horror. A metodologia de análise dos resultados se deu por meio da realização de diários reflexivos de leitura.

Palavras-chave: medo; narrativa; literatura africana.

A AIDS E O MEDO ÀS MARGENS DO AMOR EM “ONDE ANDARÁ DULCE VEIGA?”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Lucas Gabriel de Carvalho Veiga (UFU)
lucasgabriel_carvalhoveiga@yahoo.com.br

No auge da década de 80 o país conheceu a epidemia da AIDS. Em um tempo onde artistas veneravam heróis que morreram de overdose, a AIDS surgia como o novo monstro dizimador de heróis. O medo, então, se dá a partir da relação patológica que relacionava as sexualidades ditas como anormais com a AIDS. Na obra de Caio Fernando Abreu, o autor percorre um caminho entre os medos contemporâneos. A solidão, o amor e a dúvida quanto à orientação sexual fazem parte desses medos. Em *Onde Andará Dulce Veiga?*, Caio aborda também o medo da AIDS, sendo a doença

representada objetiva e subjetivamente durante a obra. Partindo de uma visão literária não-biográfica, mesmo que se saiba da linha tênue entre vida e obra em que se está colocada a literatura de Caio F., busca-se representar o medo fluído presente no romance, e problematizar as questões em torno de homossexualidade, preconceito, amor e AIDS, e o quão esses quatro elementos estão interligados no desenvolvimento da obra. Utilizaremos o conceito de homoerotismo de Jurandir Freire Costa em “*A Inocência e o Vício*” e as perspectivas apresentadas no trabalho de Carlos André Ferreira em “*Onde Andará Dulce Veiga? A Representação da AIDS e do mal-estar do sujeito na obra de Caio Fernando Abreu*”. Nesse sentido procuramos dar um passo além da crítica literária, ao analisar a obra do autor com uma visão mais preocupada com os contextos históricos e sociais.

Palavras-chave: Homoerotismo; Aids; Caio Fernando Abreu; Literatura Brasileira.

O MEDO COMO POÉTICA DA EMULAÇÃO EM “O ANJO RAFAEL” DE MACHADO DE ASSIS

Lucas Henrique da Silva (UEL/IC/Fundação Araucária)

lucasprojeto@uel.br

Adelaide Caramuru Cezar (UEL)

accezar@uel.br

Objetiva-se analisar a presença do medo no conto “O Anjo Rafael” de Machado de Assis sob a ótica da poética da emulação de que fala João Cezar de Castro Rocha em seu livro publicado em 2013 pela Civilização Brasileira: *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. O conto será abordado principalmente em suas primeiras páginas, onde o medo é utilizado como ferramenta machadiana para prender o leitor e submetê-lo a sua trama, a fim de poder cautelosamente transportá-lo ao universo do irônico e do jocoso que se faz gradativamente presente a partir do quinto capítulo. A poética da emulação é uma estratégia de apropriação de elementos de culturas hegemônicas pelos escritores situados em espaços periféricos, permitindo-lhes, desta forma, apresentar suas leituras daquilo que ocorre em seu cotidiano, tomando como instrumento de trabalho técnicas oriundas dos centros hegemônicos. Cópia-se um modelo já consagrado de forma original, conduzindo o leitor a um enfoque posterior do escritor que emula. Como o conto em questão pertence ao gênero fantástico, modo literário divulgado amplamente pela cultura europeia e norte-americana no final do século XVIII e no decorrer do século XIX, nota-se, no conto proposto, aproximações entre Machado de Assis e E.T.A. Hoffmann, escritor alemão que muito influenciou nosso escritor oitocentista em seus contos fantásticos. Essa influência no conto é explícita e referenciada. Analisar-se-á aqui como Machado fez da atmosfera amedrontadora de Hoffmann sua ferramenta para apresentação irônica e jocosa de fato do cotidiano brasileiro.

Palavras-chave: Machado de Assis; Conto; O Anjo Rafael; Medo; Poética da Emulação.

THE ADVENTURES OF MISS SOPHIA BERKLEY, LONGSWORD, EARL OF SALISBURY, THE CASTLE OF OTRANTO AND THE OLD ENGLISH BARON: A LINHAGEM DA ESPACIALIDADE GÓTICA ANGLO-IRLANDESA.

Luciana Moura Colucci de Camargo (UFTM/USP)
 profalucianacolucci@gmail.com

De acordo com Loeber & Loeber, a “tradição gótica irlandesa tem sido estudada principalmente a partir das obras do Reverend Charles Maturin e de Sheridan Le Fanu” (2004, p. 28). No entanto, os críticos discutem que essa tradição parece negligenciar duas narrativas góticas publicadas anteriormente e as quais podem ser consideradas precursoras de tal modalidade na Irlanda: *The Adventures of Miss Sophia Berkley* (1760), de autoria de uma “jovem senhorita” e *Longsword, Earl of Salisbury: an historical romance* (1762), de Thomas Leland (1722/1785). Considerando as respectivas datas de publicação, verifica-se que ambas são anteriores ao nascimento do emblemático *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole (1717/1797), reconhecido “como a origem dessa nova, popular e prodigiosa espécie de escritura” (Botting, 1996, p.45), e de *The Old English Baron* (1777), de Clara Reeve (1729/1809), que, atualmente, como explica James Watt, em nota introdutória à edição lançada pela *Oxford Printing Press* em 2008, é uma importante contribuição para o desenvolvimento da ficção gótica. Expostos tais fatos, o objetivo deste estudo é discutir como essas obras, entre a Inglaterra e a Irlanda, podem constituir um significativo *corpus* de análise no que tange à construção e ao entendimento da categoria espaço e de seus efeitos de sentido relacionados ao medo nas narrativas góticas, uma modalidade que, como elucida Vasconcelos, “(...) apenas no início do século XX, por volta do decênio de 1920, começou a perder o estatuto de subgênero e vencer o desdém com que havia sido tratado pela história literária” (2002, p.124).

Palavras-chave: *The Adventures of Miss Sophia Berkley; Longsword; Earl of Salisbury; The Castle of Otranto; The Old English Baron; gótico.*

A AUSÊNCIA DE MEDO EM A SANTA, DE GABRIEL GARCÍA MARQUEZ

Luma Maria Braga de Urzedo (UFU)
 lumam.braga@gmail.com

O conto *A santa*, presente no livro *Doze contos peregrinos* de Gabriel García Marquez, conta a história de um pai que busca pela canonização de sua filha morta. Esse desejo se dá devido ao corpo da menina permanecer intacto, desprovido de peso e com aparência muito viva após vários anos enterrada no cemitério de seu vilarejo. Tal evento poderia ser desencadeador de uma narrativa insólita ligada ao medo, contudo a hesitação das personagens e de nós leitores não acontece por um fato sombrio, muito ao contrário, parece-nos que a hesitação se dá mais pela leveza do corpo do que pela não putrefação. Buscaremos compreender a ausência do medo nesta narrativa através das ponderações de Tzvetan Todorov (2008) acerca do que ele chama de fantástico estranho, puro e maravilhoso. Além das definições de Todorov (2008), nos apoiaremos no chamado Real Maravilhoso de Alejo Carpentier (1985). Dentro da perspectiva de Carpentier

poderemos ainda refletir sobre os espaços narrativos do conto, espaços de oposição entre fantástico e real, fé e razão, leveza e peso, terra e ar, America latina e Europa.

Palavras-chave: fantástico; real maravilhoso; ausência do medo.

A REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM *THE ERLKING* DE JOHANN GOETHE E *ERL-KING* DE ANGELA CARTER

Maisa dos Santos Trevisoli (UFU)
mahtrevisoli@yahoo.com.br

Este trabalho pretende refletir sobre como o medo se configura em um poema e uma narrativa e qual o efeito desse medo em ambos. Mais especificamente, estudaremos como o medo é tratado pelo eu-lírico da balada de Johann Goethe, *The Erlking*, e pelos personagens da releitura da lenda *Erlking* realizada pela escritora Angela Carter. Carter traz uma protagonista forte, que ao se envolver intimamente com o rei dos elfos, Erlking, se vê encurralada e amedrontada ao notar que sua vida está em risco, mas não se deixa abater, tomando providências que a salvam. Goethe escreve a história de um pai e seu filho, que se vê atormentado pelo rei do elfos, e por se negar a acompanhá-lo é morto pelo nobre. Essas histórias foram influenciadas pela balada escandinava, *Elveskud*, sobre a vingança planejada pelas filhas dos reis dos elfos contra Olav, um homem prestes a se casar, que recusa as investidas amorosas feitas pelas filhas por amor a sua amada. Ao observar o medo nas obras analisadas, percebe-se a diferença na natureza deste sentimento. Na obra de Goethe, observa-se o medo do desconhecido, da criatura difundida pelo mito. No caso da protagonista de Carter, esta se vê cercada de avisos e advertências contra a criatura da floresta, mas prefere ignorá-los e se deixar seduzir pelo Erl-king. Seu mecanismo de autopreservação só é ativado quando ela sente que está se perdendo, quando percebe que sua voz e sua essência estão em perigo.

Palavras-chave: medo; releitura; elfo; Angela Carter; Johann Goethe.

VERGÍLIO FERREIRA E O ESPANTO DA MARAVILHA DE SÓFOCLES

Marcus Vinícius Lessa de Lima (UFU)
marcusviniciuskp@gmail.com

“Há muitas coisas espantosas/mas nada há mais espantoso que o homem”. Epígrafa Vergílio Ferreira, versos saídos da *Antígona* de Sófocles, a prenunciar *Alegria Breve*, romance-ensaio prestado a verter em literatura muitas das teses filosóficas das quais o autor português se apartidara até então. Conhecedor das tradições literárias e filosóficas ocidentais, inclusive tradutor e estudioso de Sartre e Malraux, o literato propõe diálogos com diversas obras, valendo-se de epígrafes e citações diretas e indiretas no corpo textual. Em contexto e século outros, ao drama de Sófocles é dada voz ao recorte de dois versos. Apreciado como uma das mais célebres odes da história literária, o primeiro estásimo de *Antígona* canta as múltiplas capacidades do ser humano, seu domínio sobre a Natureza, sua capacidade de organização social e criação de aparatos políticos. Pois muito se traduziu este ser humano – dito espantoso por Vergílio – como maravilhoso, prodigioso e célebre em língua portuguesa, *wondrous* e *formidable* em inglês, *une*

merveille em francês, *una meravelle* em catalão, e também, talvez a tradução mais próxima à proposta pelo romancista-ensaísta, como o mais inquietante dos entes, nas palavras de Heidegger. Quem é este espantoso prodígio, este ser humano maravilhoso e inquietante e quais razões Vergílio Ferreira nos dá, por meio de seu romance, a justificar a escolha tradutória pouco convencional? Oscila o romance vergiliano entre um caráter trágico atualizado ao século XX e um existencialismo (quicá humanista)? Afinal, se se fala de Antígona mais que a epígrafe em Alegria Breve, o que Vergílio nos diz?

Palavras-chave: Antígona, Alegria Breve, Sófocles, Vergílio Ferreira.

A SONORIDADE COMO REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM *OS LOBOS DENTRO DAS PAREDES E VINIL VERDE*

Maria de Lourdes Guimarães (USP)
louguimaraes@hotmail.com

Em obras cinematográficas ligadas ao gênero do horror, o som é um recurso narrativo que tem um papel importante de suscitar o medo no espectador. A partir de uma combinação de efeitos sonoros e/ou composições musicais, uma plateia pode ser mobilizada emocionalmente seja pelo o susto, seja pelo medo ou pela expectativa gerada pelo prenúncio de uma situação ameaçadora. Segundo José Miguel Wisnik (1989, *O som e o Sentido*, p. 28): “o som tem um poder mediador, hermético: é o elo comunicante do mundo material com o mundo espiritual e invisível”. Se no cinema a representação sonora pode deflagar momentos de pavor e tensão, na literatura, mais precisamente em uma narrativa gráfica, é possível identificar uma simulação sonora por meio de determinados recursos como a onomatopeia, uma figura de linguagem em que o ruído é, sobretudo, visual, além de recursos tipológicos em que a representação imagética do som se faz por meio do traço. Este trabalho procura analisar, por um viés dialógico entre cinema e literatura, como os efeitos sonoros e a música podem contribuir para a ambientação do medo nas obras *Vinil Verde* (2004), curta-metragem com direção de Kleber Mendonça Filho, e *Os Lobos Dentro das Paredes* (2006), livro infantil e juvenil de Neil Gaiman.

Palavras-chave: literatura; medo; horror; cinema; som.

EDGAR ALLAN POE E A SIMBOLOGIA DO MEDO

Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes (UFU)
marih.mickaela@gmail.com

Edgar Allan Poe teve sua história rodeada por mistérios e sua obra não poderia ser diferente, sendo um escritor reconhecido como um dos precursores do fantástico estranho, comentado e aclamado pela crítica. Suas narrativas são centralizadas no indivíduo e em seus problemas pessoais referentes à alma e aos sentimentos. Dentre diversas características, sua obra se destaca pelo confronto entre o mundo interior e o mundo exterior, criando narrativas de mistério, alucinações, terror e morte, que podem retratar os medos e as ansiedades que assombram a mente humana. “O corvo” é um dos

poemas mais famosos do escritor, cujo tom mórbido e depressivo prevalece ao longo da escrita. Já “O gato preto” traz à tona um estudo da psicologia da culpa, através de um narrador assassino, cuja mente doente usa a lógica para explicar o que uma mente normal iria entender intuitivamente. Nesse sentido, os conflitos internos dos protagonistas são tão fortes que a realidade pode se apresentar distorcida pelo imaginário. Observamos, assim, que é dentro do imaginário humano que vários símbolos ganham significados. Considerando isso, trabalharemos representações do medo em “O corvo” e “O gato preto”, através de imagens ou elementos presentes e suas possibilidades simbólicas.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; Simbologia do medo; “O corvo”; “O gato preto”.

TIRANDO O CHAPÉU E A COROA: A REPRESENTAÇÃO DO MEDO NAS NARRATIVAS *CHAPEUZINHO AMARELO* E *O REIZINHO MANDÃO*.

Marineia Lima Cenedezi (UFU/CAPES)
mari.cenedezi@gmail.com

Alessandra Fávero (UNISEB)
alesfaver@yahoo.com.br

O norte-americano Howard Phillips Lovecraft é um dos nomes mais conhecidos quando se fala em contos de horror. Porém, o que nos chama a atenção em seus textos, principalmente em *O Horror Sobrenatural em Literatura*, é a teoria do medo presente na Literatura fantástica no que diz respeito ao medo que suscita a emoção do leitor quanto ao desconhecido e imprevisível. Neste ponto, podemos acrescentar o fato de que o medo atinge a todos os leitores quando se refere aos temas comuns que cerca a humanidade ao longo dos tempos. Na criança, é muito comum percebermos o medo de escuro, monstros e outros seres sobrenaturais do mundo fantástico. Contudo, outros medos frequentes na vida cotidiana podem ser abordados na literatura e receberem uma solução por meio da mágica, da metamorfose ou da superação. No presente trabalho, observamos as premissas elencadas nos contos *O Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha e *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Analisando a materialização discursiva dessas narrativas, à luz do estudo de Lovecraft (2008) e da AD francesa, verificamos que o medo se instala como uma forma de dominação, exercido por um sujeito em função de um outro que se deixa submeter a uma condição sofridora, de inércia, de insatisfação, levando ao silenciamento não só das palavras, mas também dos sentimentos. A superação dessa condição está na desestabilização do medo, forma de solução do conflito, considerada como a mola propulsora para se alcançar uma realidade satisfatória, com uma relação saudável entre os sujeitos participantes dos cenários narrativos.

Palavras-chave: Medo; Discurso; Narrativa; Literatura Fantástica; Literatura Infantojuvenil.

DA NECESSIDADE DO MEDO

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/ CNPq)

marisa.gamakhilil@pq.cnpq.br

Tomando como ponte de diálogo o conto “Trem fantasma”, de Moacyr Scliar, o artigo terá como meta a incitação de diversas teorias sobre o medo na narrativa ficcional, buscando, nesse sentido, realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema e apontar algumas perspectivas teóricas de abordagem do medo estético. Para tornar concreta a análise do medo como componente estético, não pretendo analisar especificamente a narrativa de horror, mas a presença do horror na narrativa fantástica. É necessário problematizar esse aspecto porque há narrativas que não são denominadas pela crítica como literatura de horror, mas que trabalham o horror como um de seus elementos estéticos. Outra perspectiva importante é a ambientação do medo. É possível notar que, nos séculos anteriores ao XX, a temporalidade relacionada ao horror era usualmente a noturna. As personagens que vinculavam o horror – bruxas, vampiros, lobisomens e monstros de uma forma geral – eram noturnos. Quando esses monstros vêm à nossa mente, normalmente trazemos junto com eles uma ambientação em que domina a escuridão. Na literatura produzida nos séculos XX e XXI os monstros e eventos insólitos aparecem e acontecem muitas vezes à luz do dia. Que condições de produção alteram essa ordem do noturno para o diurno. E por que, ainda à luz do dia, tantos monstros e tão diversificados? Há uma necessidade do medo em nossa cultura?

Palavras-chave: Medo; literatura fantástica; horror.

DR. FAUSTO DE THOMAS MANN: A JUNÇÃO DA MÚSICA COM A LITERATURA COMO UMA MANEIRA DE POTENCIALIZAR O MEDO À FIGURA DIABÓLICA?

Marise Gândara Lourenço (UFU)

marisegandara@yahoo.com.br

O artigo tem como *corpus* para análise o romance moderno, *Dr. Fausto*, de Thomas Mann (1947). Esta obra propõe reflexões sobre a história trágica do compositor, Adrian Leverkühn, e sobre a Alemanha do início do século XX, com as implicações da Primeira e Segunda guerras mundiais, contrapondo-se aos ideais alemães anteriores a estes acontecimentos. A Música é tema de *Dr. Fausto* e a relação entre esta e a Literatura representa o pacto entre o protagonista e o diabo. Além disto, Adrian Leverkühn escolhe o dodecafonismo como técnica composicional que possibilita criar uma música que é pura dissonância do começo ao fim, com conflitos o tempo todo, sem resolução alguma, sem um repouso sequer. Algo verdadeiramente diabólico! Neste sentido, propomo-nos investigar em que medida a junção da Música com a Literatura potencializa ainda mais o medo ao diabo, ao passo que *Dr. Fausto* é considerado pela crítica, como o trabalho mais ousado de Thomas Mann, em termos técnicos, justamente por tratar do tema musical no contexto de uma vida. Para alcançarmos nosso objetivo adotamos a análise comparativa entre o *Fausto* de Goethe e o de Mann e tomamos como suporte teórico *A gênese do Doutor Fausto: Romance sobre um romance*, no qual Thomas Mann reconstrói o processo de criação de sua obra. Para melhor entendimento da presença do diabólico, escolhemos o livro *A carne, a morte e o diabo na literatura*

romântica de Mario Praz; do dodecafonismo *A filosofia da nova música* de Theodor W. Adorno, entre outras obras.

Palavras-chave: O medo e o diabólico; Relação Literatura e Música; Dr. Fausto; Thomas Mann; Romance moderno.

O MEDO DA MORTE E A BUSCA PELA IMORTALIDADE EM “O ELIXIR DE LONGA VIDA”, DE HONORÉ DE BALZAC.

Marli Cardoso dos Santos (UNESP/CAPES)

marli.lics@gmail.com

A busca pela fonte da juventude possui representatividade em diversas narrativas no decorrer dos séculos. O medo da morte e o desejo de ser imortal levou o homem moderno a buscar formas variadas de prolongar a vida. Assim como o Prometeu Moderno que procura o elixir da imortalidade, Bartholomé Belvidéro, personagem do conto balzaquiano “O elixir de longa vida”, vai à parte oriental do mundo para encontrar o bálsamo sagrado que lhe proporcionaria a eterna juventude. A existência de uma suposta fonte da juventude tornou-se também um mito. Nesse ponto, encontramos, na narrativa de Balzac, justamente a presença desse líquido mágico, associado a outro mito importante da história da literatura, Dom Juan. O autor resgata então, a representatividade do elixir da imortalidade, tão importante em narrativas de cunho maravilhoso, interligada à juventude de Dom Juan, presente nas demais versões do mito. Se por um lado, o Dom Juan de Tirso de Molina morreu jovem, preservando o status de belo e sedutor, por outro lado, na narrativa de Balzac, a tentativa da personagem em usar o elixir para continuar jovem foi interrompida por seus desejos egoístas e ambiciosos. Logo, com o auxílio dos teóricos Pierre Brunel e Pierre Georges Castex, analisaremos o medo da morte e a busca pela imortalidade nas narrativas ficcionais, juntamente com as atitudes satânicas da personagem Dom Juan, para alcançar a imortalidade, atitudes que são também geradoras de horror no conto.

Palavras-chave: Mitos Modernos; Dom Juan; Elixir; Balzac.

TÉCNICA, SEDUÇÃO E VIOLÊNCIA: A DERROCADA CORPORAL-AUTOMOBILÍSTICA NAS CIDADES

Marlon Nunes Silva

marlonnunes2003@yahoo.com.br

O artigo é um recorte da pesquisa de mestrado do autor, intitulada: *O CORPO HIPER-REAL EM CRASH*. O objetivo é demonstrar o processo de reversibilidade do corpo, de orgânico para inorgânico, passando pelas metáforas de máquina a ele atribuídas, tendo como justificativa e elemento elucidativo o livro *Crash*, de J.G Ballard. O automóvel demonstra o meio como fim e o corpo refém da técnica é inserido numa relação fáustica, sem limites; aparentemente irreversível que se aprofunda a cada instante de desenvolvimento da linearidade da razão. O trabalho partiu de uma abordagem teórico-analítica e fenomenológica para examinar a representação do desastre automobilístico. Esse recorte enfatiza o aumento quantitativo das duplicatas na sociedade do consumo,

ponto chave que verifica a violência inferida aos corpos pelos códigos multiplicados. Para tanto, foram essenciais as concepções de Jean Baudrillard acerca do conceito de hiper-realidade, por meio das quais, buscou-se responder alguns questionamentos: o que há de sedutor no espetáculo da destruição e a estética proporcionada pela mistura entre corpo e tecnologia? O corpo, de metáfora maquínica, vai em direção à transcendência funcional e violenta? A produção contínua de modelos de simulação coloca os corpos diante de imagens que afunilam as subjetividades na sociedade globalizada e a ficção possui papel fundamental para a continuidade desse processo. Faz-se assim, a leitura do romance *Crash*, um momento importante de investigação e criticidade relativa ao nivelamento da linguagem dentro dos parâmetros da razão instrumental.

Palavras-chave: corpo; automóvel; acidente; hiper-realidade; violência.

IMUNIZAÇÃO E MEDO EM *DORMIR AL SOL*, DE ADOLFO BIOY CASARES

Matheus Taylor Souza Borges (UFU/PET)
matheustaylor0503@gmail.com

Em se tratando do tema medo, é algo recorrente vê-lo associado a objetos como casas assombradas, fantasmas e outros seres sobrenaturais que causam alguma sensação de insegurança e/ou risco aos indivíduos envolvidos. Na presente apresentação, propõe-se um olhar diferente para os medos da sociedade contemporânea por meio da análise de um recorte da narrativa *Dormir al sol*, do escritor argentino Adolfo Bioy Casares, tendo como foco o personagem Lucho Bordanave, um homem pacato que tem sua vida marcada não por um medo do sobrenatural, mas pela insegurança de governar sua própria vida e pela renúncia à autodeterminação. Para tal estudo, serão abordados os medos que permeiam uma sociedade marcada pelo que o filósofo italiano Roberto Esposito (2008) chama de *Imunização*, conceito com o qual o filósofo analisa estratégias de poder que fazem do homem moderno um ser que teme de tal modo por sua vida, que acaba por não vivê-la de veras. A abordagem aqui proposta dialoga também com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, para quem as sociedades contemporâneas se caracterizam pela covardia. Pretende-se, portanto, inspirar uma reflexão sobre as estratégias de poder que tornam o homem um ser domesticado por seus próprios medos e o levam a ver riscos em sua existência e na vida em comunidade.

Palavras-chave: Biopolítica; Imunização; medo; domesticação.

O (DES) GOVERNO DO CORPO: EXCESSOS E VIOLÊNCIAS CORPORAIS EM VÍDEOS ERÓTICOS

Matheus Vieira Rocha Lima de Pinho (UESB/CNPq)
matheus.labedisco@gmail.com

Nesta pesquisa objetivamos analisar o discurso emergente em vídeos de práticas sexuais violentas encontrados em sites eróticos e problematiza-los sob a luz dos estudos de Michel Foucault. Para se analisar o discurso do corpo e da violência, estamos tomando como base material três vídeos veiculados em sites pornográficos específicos pelo sistema de busca: *deadly sex*, *vampire sex*, *bloody sex*, *snuffe gore*. Os audiovisuais

resultados da busca expõem atos de perfuração, corte, mutilação e flagelo à genitália masculina. Assim, as possibilidades que tentamos ventilar aqui são as de que as práticas e suas bases audiovisuais revelam uma violência “controlada” e que as afirmações em torno do desgoverno e do excesso estão sujeitos a um medo e uma construção moral. Essas hipóteses surgem a partir dos seguintes questionamentos: Como os audiovisuais e as estratégias de gravação e edição revelam um controle em torno da dita violência praticada pelos autores das ações? Qual a(s) moral/moralidades de comportamento que guia(m) a forma pela qual se deve ter sexo e prazer sexual e de que forma essas ações a confrontam? Quais os lugares institucionais que as materialidades afloram e problematizam? Para que esses questionamentos pudessem ser problematizados e estudados, observamos as regularidades entre os vídeos no que se refere a forma de construir uma relação entre moral, práticas violentas, dor e prazer, usando dos fundamentos teóricos de Foucault para pensarmos nesse corpo que emerge enquanto formador de um discurso dentro dos vídeos.

Palavras-chave: Foucault; discurso; excessos; desgoverno; práticas violentas.

SAFRA MACABRA: NARRATIVA POLICIAL SOB A ÓTICA FEMININA

Máxima de Oliveira Gonçalves (Colégio Pedro II)

maximaog@yahoo.com.br

O objetivo desse trabalho é abordar o medo, decorrente do mistério na narrativa policial, a partir da ótica feminina e antropofágica nos contos de *Safra macabra*, de Patrícia Galvão, conhecida pelo apelido de Pagu. *Safra macabra* reúne nove contos, escritos para a revista *Detetive* no curto período de junho a dezembro de 1944, assinados por King Shelter, um dos pseudônimos de Patrícia Galvão. A revista, dirigida por Nelson Rodrigues, publicava nomes de peso do romance policial como Conan Doyle, Agatha Christie, dentre outros. A autora começa timidamente na revista para, logo em seguida, ganha destaque. O sumário do exemplar 207 apresenta a seguinte observação: “King Shelter é uma das atrações de *Detetive*. As suas histórias, pelo movimento e colorido, prendem fortemente a atenção dos leitores.” Patrícia Galvão tornou-se a primeira escritora brasileira de narrativa policial, publicada regularmente, cujos contos aliavam entretenimento e sofisticação.

Palavras-chave: narrativa policial; autoria feminina; medo; antropofágica.

MARCAS DO PODER: IMAGEM, CORPO E ABJEÇÃO NO AMOR ENTRE MULHERES EM FILMES DE HORROR

Mirtes Ingrid Tavares Marinho (UESB)

Mirtes.labedisco@gmail.com

O presente trabalho está sendo desenvolvido no quadro dos estudos do Labedisco/UESB – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, vinculado ao projeto “Materialidades do Corpo e do Horror”. Propomo-nos descrever, analisar e interpretar como a sexualidade é constituída discursivamente nas imagens em movimento inerentes aos filmes, utilizados como *corpus*, *Carmilla* (1970), *Luxúria de Vampiros* (1971), *Filhas*

do *Drácula* (1972), *Alucarda* (1977) e *Matadores de Vampiras Lésbicas* (2009), que fazem emergir discursos sobre o campo do lesbianismo. As estratégias de produção das materialidades fílmicas das referidas imagens, ou seja, recursos de enquadramento, movimento e ângulo da câmera, serão por nós entendidas e analisadas como meios de produção discursiva do dispositivo fílmico, susceptível de repetições e descontinuidades. Tais materialidades irão nos levar a um olhar discursivo em torno da sexualidade, permitindo-nos problematizar de que maneira o sujeito mulher experiencia a si enquanto sujeito de sexualidade e como o lesbianismo pode ser constituído como uma abjeção, associando a uma construção do monstro discutido por Foucault, aquele que transgride normas sociais e naturais, produzindo o medo pela ruptura de uma norma instaurada. O conceito de corpo também será significativo, pois ao mostrarmos o sujeito nos deparamos com as seguintes dúvidas: que elementos corporais são destacados nessas materialidades? E de que maneira? Que sentidos são produzidos sobre nós? Acreditamos que providos dessas indagações poderemos entender que corpo é esse constituído do sujeito mulher lésbica mensurado pela heteronormatividade, a partir das discussões teórico-metodológicas desenvolvidas por Michel Foucault no campo do discurso.

Palavras-chave: Abjeção; Corpo; Discurso; Imagem e Sujeito de Sexualidade.

O *NECRONOMICON* DE H. P. LOVECRAFT: A BÍBLIA DA LITERATURA GÓTICA CONTEMPORÂNEA

Nathalia Sorgon Scotuzzi (UNESP)
irongirl30@gmail.com

Este trabalho visa explorar as influências das obras do escritor norte-americano H. P. Lovecraft na literatura gótica e na cultura popular contemporânea, com ênfase especial ao grimório fictício denominado *Necronomicon*, criado pelo autor. É um estudo que tem como proposta uma exploração no sentido de apontar a difusão e participação de suas temáticas pela literatura, e ainda, além dela, atingindo outras formas de arte como a música, cinema e quadrinhos, a partir da década de 1980. Serão apontadas obras do autor onde a presença do grimório é crucial, criando essa atmosfera de um horror calcificado em suas obras. Atmosfera a tal que o ultrapassa e, sendo assim, será feita uma pequena introdução a respeito da história do grimório, sua difusão por meio das obras de outros autores e ainda os mitos contemporâneos a seu respeito, incluindo os questionamentos acerca de sua veracidade e seu uso no ocultismo. Todos esses elementos vão possibilitar que esse grimório possa ser considerado e consagrado como a Bíblia do gótico contemporâneo, presente nas diversas mídias já citadas, como o Arkham Asylum de Batman, a franquia Evil Dead e a obra cinematográfica de cineastas como John Carpenter e Guillermo Del Toro.

Palavras-chave: Lovecraft; Necronomicon; Gótico; Estranho.

UM OLHAR DE MEDO SOBRE A ANÁLISE LITERÁRIA

Paulo Eduardo Pereira Lima (UFU)

pauloeduardo_xdrz@hotmail.com

Este trabalho se inicia com uma experiência de leitura literária que se encontra com a exigência contemporânea da análise literária, principalmente aquela referendada pela academia. Pensando nessa experiência, observamos como a obra literária por várias vezes é colocada como possível de ser lida, ou como produto de um intelecto que a fez/faz possível dessa leitura. A análise seria então, por sua vez, precedente a obra literária. Procuramos então, relacionando uma leitura do pensamento de Barthes e Blanchot, a experiência de escrita de Marguerite Duras; lançar um olhar de receio sobre essa prática, mobilizando a ideia de impossibilidade da escrita e a experiência de leitura, que segundo Blanchot: "O que é um livro que não se lê? Algo que ainda não está escrito. Ler seria, pois, não escrever de novo o livro, mas fazer com que o livro se escreva ou *seja* escrito - desta vez sem a intermediação do escritor, sem que ninguém o escreva." (1955). Essa tentativa se faz não para distanciar conceitos ou diferenciá-los, mas para talvez, compreender de que forma essa análise, que se propõe literária, o é realmente. A ideia não é a de encontrar uma definição para a leitura ou para a análise, e nem a de nos livrar desse medo que nos move, mas, como nas palavras de Leyla Perrone-Moisés (2005), agir na direção de um "desenvolvedor de ambiguidades".

Palavras-chave: leitura; experiência; escrita; análise literária; obra literária.

“COMEÇARA PELO MEDO”: *EMILY L.*, DE MARGUERITE DURAS

Paulo Fonseca Andrade (UFU)

oluapfr@yahoo.com.br

Esse trabalho procura debruçar-se sobre a escrita do romance *Emily L.* (1987), de Marguerite Duras, onde o medo se enuncia como força mobilizadora da escrita e se figura de maneiras extremamente variadas, seja em relação aos personagens, seja em relação à narradora-escritora e seu interlocutor: medo de uma Ásia fantasmagórica; um medo que se ignora de quê; o medo pelas palavras; um medo como consequência da infância e do alcoolismo; o medo sem linguagem, entre outros. Nessa leitura, iremos privilegiar a representação do pai e sua relação com o medo (em francês, há uma semelhança sonora entre *le père* e *la peur*), isto é, o medo como um outro nome do pai, que se articula ao pai através da escrita e – como tal – articula-se também à história de vida da poeta norte-americana Emily Dickinson (secretamente evocada no livro) e da autora Marguerite Duras, cujo pai é perdido na primeira infância. Em toda a obra de Duras, o pai é uma figura quase desaparecida, ignorada, contrariamente à da mãe, sempre presente. Nesse livro em especial, o pai e o medo vão desembocar no desejo de uma escrita em “estado de aparição”: isto é, a escrita como tentativa de restabelecer a “relação milenar destruída”.

Palavras-chave: pai; medo; Duras; Emily L.; escrita.

BASEADO EM FATOS REAIS: A RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE NO GÊNERO DE HORROR

Pedro Puro Sasse da Silva (UERJ)

pedro_sasse@hotmail.com

A relação entre o que se toma como ficção em um texto literário e a realidade exterior a ele é um aspecto importante a se levar em conta no estudo da literatura. Certas obras valem-se da tensão que estabelecem entre o real e o ficcional como ferramenta para a produção de sentidos e efeitos de recepção. A literatura de horror é um exemplo de gênero literário que utiliza abundantemente essa estratégia ao longo de sua história, fato que pode ser visto já em uma de suas primeiras obras, *O castelo de Otranto*, e que persiste até a contemporaneidade, como vemos, por exemplo, em filmes de *found footage* como *A bruxa de Blair* (1999). Se no horror sobrenatural – em que o leitor tem convicção de que os monstros e eventos fantásticos são plenamente ficcionais – esse processo se mostra eficaz, no horror baseado em crimes o efeito, mais que uma estratégia, torna-se característica inerente ao gênero: o medo produzido pela obra contamina e é contaminado pelo contexto no qual se insere, uma vez que os monstros de sua ficção não são apenas inspirados pela realidade, mas, muitas vezes, apontam diretamente para personagens e eventos reais. Tendo isso em mente, o presente artigo pretende analisar como a relação entre ficção e realidade colabora para a construção do horror, focando-se principalmente na literatura de crime do Brasil.

Palavras-chave: Crime; Horror; Ficção; Realidade; Literatura Brasileira.

UM CAVALEIRO CORAJOSO RUMO AO MEDO DO DESCONHECIDO: A DUPLA FUNÇÃO DOS OBJETOS NA NARRATIVA DE LUÍS JARDIM.

Rafael Geraldo Vianney Peres (UFU)

rafaelperes86@hotmail.com

Esta apresentação pretende discorrer sobre a funcionalidade dos objetos que compõem a narrativa fantástica, tendo em vista a importância destes para a construção das imagens de medo e horror insurgentes. Para isso, verificar-se-á o processo metonímico utilizado no conto “Coragem” (1938), de autoria do escritor pernambucano Luís Jardim, no qual se evidencia a perda de parte da identidade racional e austera de seu personagem, pouco antes de este cavalgar por veredas noturnas, onde aparições aterrorizantes sugerem a presença da morte. Um dos traços que promovem esse episódio insólito, “a privação de luz atenua os ‘redutores’ da atividade imaginativa. Esta, liberada, confunde mais facilmente do que durante o dia o real e a ficção e corre o risco de desorientar-se fora dos caminhos seguros” (DELUMEAU, 1993, p. 99). Além de a noite enfraquecer tais ‘redutores’, percebe-se que uma simples peça do vestuário do personagem pode exercer essa mesma função, pois sua coragem torna-se duvidosa no instante em que ele perde o chapéu, o protetor de seu código de conduta contra essa “atividade imaginativa”. Com a ausência desse redutor, transforma-se este num “objeto mediador” (CESERANI, 2006, p. 74), visto que o mesmo expõe as fobias do personagem no caminho subversivo de sua mente. Finalmente, ao verificar tais aspectos, se desvelará outro papel que assume esse objeto: o de mostrar o julgamento ineficaz do regime ditatorial no contexto do autor.

Palavras-chave: Medo; Objetos simbólicos; Narrativa fantástica; Real e imaginário.

A IMAGÉTICA DO MEDO NO EPILOGUE: *THE PHOTOGRAPHER* DE ALICE MUNRO: O GÓTICO NA LITERATURA CANADENSE

Raphael Marco Oliveira Carneiro (UFU)
raphael.olic@gmail.com

Alice Munro, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura (2013), é reconhecida como uma das grandes escritoras de narrativas curtas contemporâneas. O único romance da escritora, *Lives of Girls and Women* (1971), que na verdade se assemelha mais a um conjunto de narrativas curtas interligadas, reúne episódios da vida da narradora Del Jordan, à medida que amadurece na pequena cidade de Jubilee em Ontário, no Canadá, rumo à construção de sua identidade como escritora. Este trabalho objetiva analisar e descrever como o medo é representado na narrativa do epílogo *The Photographer*, tendo em vista a evocação imagética do medo. Com base em estudos sobre as arquiteturas do medo, literatura canadense, narrativas curtas e escrita feminina, buscamos contribuir para uma caracterização do gótico em uma manifestação narrativa específica de Munro, a partir da ficcionalização do medo. Exploramos como o medo é ficcionalizado em imagens descritas por Del, bem como a função que desempenha na construção narrativa da realidade da personagem. Em linhas gerais, o medo é representado por meio de descrições do espaço, de personagens e de acontecimentos da narrativa. Notamos a presença do gótico na imagética do medo evocada por meio de distorções e deformações geradoras de efeitos insólitos. O medo emana, principalmente, da personagem cujo nome intitula o epílogo, e da natureza de suas fotografias. A ficcionalização das experiências de Del em elementos assustadores revela um mundo secreto e sombrio, de escândalo e morte, que jaz sob a camada da vida cotidiana provincial.

Palavras-chave: Alice Munro; Gótico; Literatura Canadense; Narrativas Curtas.

SENTINDO MUITO ESTRANHO: O MEDO DE MORTOS-VIVOS EM OBRAS *SLIPSTREAM*

Raul Dias Pimenta (UFG)
raul.diasefl@gmail.com

Em 1989, ao analisar os novos caminhos adotados pela Ficção Científica norte-americana, o escritor Bruce Sterling percebeu que algumas obras desta vertente romanesca desafiam os limites do seu gênero, constituindo-se como uma obra híbrida, que o autor norte-americano chamou de *Slipstream*. Ao discorrer sobre o termo ele coloca que este tipo de leitura provoca um sentimento muito estranho no leitor e seus enredos também não procuram fazer muito sentido ou possuir qualquer explicação lógica. Esta mescla de elementos, dentre os quais se encontram um hibridismo entre o Gótico e o Realismo Mágico pode ser percebida nas obras em análise “A case of the Stubborns” (1984), de Robert Bloch e “Sea Oak” O (1997), de George Saunders, onde o momento de luto pela morte dos familiares de ambos os contos provocam tristeza e pesar. Porém, a saudade causada pela separação se torna horror e momentos de tensão

são presenciados quando seus familiares mortos retornam a vida. Os mortos-vivos são personagens de destaque, pois causam medo e desconforto para suas famílias que se tornam reféns do medo e de seus entes zumbis. O medo, a agonia e o horror são compostos básicos da narrativa Gótica, no entanto o zumbi como ser sobrenatural se faz presente também em narrativas do Realismo Mágico. Este presente trabalho, vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG- Regional Catalão e com o suporte de bolsa concedida pela CAPES, tem como objetivo analisar as obras como constituintes do *Slipstream* e como se dá a construção do medo através dos mortos-vivos.

Palavras-chave: Slipstream; Medo; Zumbi.

VIOLÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: O CORPO E A TRAVESTI NO CURTA-METRAGEM BAIANO DA ALEGRIA, DO MAR E DE OUTRAS COISAS

Ricardo Andrade Amaral (UESB)

ricardo.a.amaral@hotmail.com

O presente artigo apresenta uma análise discursiva do curta-metragem *Da Alegria, Do Mar e de Outras Coisas* (2012), da diretora baiana Ceci Alves, com foco na violência contemporânea. O curta-metragem mostra em nível narrativo, o assassinato de uma travesti que acontece, na madrugada, nas areias de uma praia soteropolitana, após dois homens sequestrá-la. Num domínio de atualidade, a travesti ainda é vista como um sujeito a ser excluído da sociedade, ou até mesmo assassinado. Esse lugar dado à travesti institui-se imerso em relações de poder. Para Foucault, a questão do poder é capaz de explicar a produção de saberes. Perguntamo-nos, a partir da formação de violência que configura um quadro para a travesti, como se constrói um poder-saber sobre esse corpo estranho, dado a ver como uma anormalidade social? Assim, a partir da análise fílmica, apontamos que toda relação de poder, através de seus mecanismos, implica na imposição da presença do outro, institui-se na medida em que ambos se fazem como sujeitos em uma relação. A relação de poder há de se exercer sempre com e entre outros cuja presença é estritamente necessária. Portanto, a violência na contemporaneidade posta ao sujeito travesti se materializa na relação com outro sujeito que insiste em reafirmar apenas saberes de uma tradição heteronormativa.

Palavras-chave: Violência; Poder; Corpo; Travesti.

ASPECTOS GÓTICOS NA CONSTITUIÇÃO DO ROMANCE-FOLHETIM

Rilmara Rôsy Lima (UFSCar/FAPESP)
rilmaraosy@gmail.com

Gleice Antonia Moraes de Alcântara (UFSCar)
gmoraesalcantara@gmail.com

No século XVIII tivemos o nascimento do romance gótico na Europa, mais precisamente na Inglaterra, com *O castelo de Otranto* (1764), do escritor Horace Walpole. Esse romance é marcado por uma técnica narrativa pautada na presença do sobrenatural, de modo que o castelo é povoado de fantasmas, assassinatos misteriosos, retratos que gemem na surdez mórbida dos corredores obscuros, tudo isso sendo resultante da vingança dos legítimos donos da propriedade que tiveram seus títulos e bens usurpados pelos novos habitantes. José Alcides Ribeiro (1996) afirma que a partir do final do séc. XVIII o romance gótico começou a ser chamado de *romance de terror* ou *romance negro*. Apesar das mudanças que acompanharam a alteração da terminologia, segundo alguns estudiosos, o romance de terror preserva algumas características do romance gótico. Essa técnica narrativa foi absorvida na construção do romance-folhetim com a incorporação de seus elementos específicos como: uso do mistério, do suspense, do medo, do terror, empregados com o intuito de prender a atenção do leitor. Pretendemos realizar uma análise do romance *O esqueleto – mistério da casa de Bragança* (Aluísio Azevedo, 1890), por meio desse gênero de narrativa. Dentre as muitas ramificações do romance, alguns tipos de narrativa deram uma contribuição especialmente significativa para o romance-folhetim. Um deles é o romance de terror ou romance negro. O propósito deste trabalho será identificar o romance dentro da tradição folhetinesca, possibilitando um resgate da gênese e da evolução desse gênero na literatura.

Palavras-chave: folhetim; narrativa; romance de terror; Aluísio Azevedo.

CENA DE ESCRITA/CENA DE MEDO: OS CADERNOS IMAGINÁRIOS DE HERBERTO HELDER

Roberto Bezerra de Menezes (UFMG)
robertobmenezes@gmail.com

O livro *Photomaton & Vox* (2006), de Herberto Helder, é um exemplo máximo de hibridismo de gêneros, o que se presencia comumente na dita contemporaneidade. Poemas, narrativas, trechos de diários, aforismos e ensaios convivem sob o mesmo título, fazendo instáveis as lindes do texto literário. Para nossa discussão, cabe colocar em primeiro plano um texto do volume que faz menção direta ao crime escritural: (*os cadernos imaginários*). Partimos da ideia de cena de escrita proposta por Rosa Maria Martelo, em *A forma informe* (2010). Para a pesquisadora portuguesa, as cenas de

escrita fazem parte da tradição literária moderna e estão diretamente ligadas às reflexões metaliterárias. No texto de Helder, presenciamos uma cena de escrita que se confunde com uma cena de medo. A escrituração de um livro causa tanto terror ao escritor, que ele se sente na iminência da morte. Esse livro é, assim, uma espécie de obra da impossibilidade, fruto e essência do silêncio que é a literatura. Propomos uma leitura desse medo de escrever como a forma de expressão do texto de Herberto Helder. Buscamos, ainda, auxílio nos escritos de Maurice Blanchot sobre as impossibilidades que cercam a literatura, especialmente em *O livro por vir* (2005).

Palavras-chave: Cena de escrita; Cena de medo; Herberto Helder; Photomaton & Vox.

O MEDO DA MORTE NA *TRILOGIA TEMPO DOS MORTOS*

Romildo Biar Monteiro (UFC)
romildobiar@gmail.com

O presente trabalho busca desenvolver uma análise interpretativa acerca das percepções do homem diante da morte, da presença dos mortos e do sentido de morrer na *Trilogia Tempo dos Mortos*, de José Alcides Pinto, composta pelos romances: *Estação da Morte* (1968), *O Enigma* (1964) e *O Sonho* (1974). Para tanto, pautamo-nos na Teoria da Residualidade, proposta teórico-investigativa alvitada por Roberto Pontes, da Universidade Federal do Ceará, que se baseia no princípio de que toda cultura contém resíduos de outros tempos e espaços. Nessa perspectiva, trabalhamos com os conceitos de resíduo, cristalização, hibridação cultural e mentalidade. A morte é assinalada por seu mistério, pelas robustas correntes da incerteza e, por conseguinte, pelo medo do desconhecido, uma vez que, aqueles que a libaram não tiveram chances de descrevê-la aos que aqui ficaram. Esses predicados da morte permeiam os labirintos do inconsciente humano desde tempos imemoriais e nas mais diferentes culturas. Atormentado por essa ceifadora incansável, os homens buscam desesperadamente por respostas, seja nos mitos, nas religiões, na filosofia ou na arte, ansiando transpor o mar tormentoso do incompreensível a fim de extirpar a angústia, que como uma adaga fere seus corações. Enfim, nosso trabalho busca mostrar, pelo viés da residualidade, a existência do medo da morte no texto alcidiano.

Palavras-chave: Residualidade; Medo; Morte; Tempo dos Mortos.

CORTINAS DO MEDO EM A CAIXA PRETA DE AGUALUSA E MIA COUTO

Rosa Maria da Silva Gonçalves (IFRO/UFU)
rosamsgoncalves@hotmail.com

Na peça teatral *A caixa preta* (2010) de Agualusa e Mia Couto temos presente um dos sentimentos considerado básico, universal e antigo: o medo. O drama é uma recriação do conto *Eles não são como nós* (2005) de Agualusa. Na encenação encontramos personagens vivendo em um tempo incerto em que se ouvem os estrondos ensurdecadores da guerra no ambiente externo. A avó cozinha e aguarda a chegada da neta. Enquanto isso, lê um livro de poesias com formigas no interior. Encontra-se repleta de medo. A neta chega e ela se acalma, porém um homem mascarado de lobo

mau e com uma faca adentra o quarto da menina. A velha ouve um ruído e encontra o jovem quase a degolar a moça. Ele está esfomeado. A senhora aproveita e o convida a fazer uma refeição na cozinha. Nesse momento, os lados opostos são dotados do mesmo sentimento: o medo. Conforme Bauman (2008) os medos “podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta”, visto que vivemos em uma época de medos e incertezas que afetam bruscamente as relações humanas e a vida em sociedade. Sendo assim, essa comunicação visa analisar os medos da verdade, atração, traição, solidão, loucura, guerras, obsessão, morte, dentre outros.

Palavras-chave: temor; incertezas; insegurança; sentimento; drama.

O MEDO N`A VIDA ÍNTIMA DE LAURA: TEXTO E ILUSTRAÇÃO

Roselene de Fatima Coito (UEM/CNPq)

roselnfc@yahoo.com.br

“A vida íntima de Laura” é um texto infantil produzido por Clarice Lispector. Laura é uma galinha que vive no quintal de dona Luisa e tem uma vida íntima, casada com o galo Luiz e com um filhote pintinho chamado Hermann. Ela é muito querida pela patroa, mas morre de medo de ser comida ao molho pardo. Diante disso, discutiremos como o texto verbal e o texto visual, a ilustração materializam este medo. Para tanto, discutiremos as estratégias de construção de ambos os textos e seus efeitos de sentido que desencadeiam o medo, tendo em vista que a ilustração pode ou não corroborar com o efeito do medo.

Palavras-chave: medo; narrativa (s); estratégias de construção.

URBS: A FRUIÇÃO DO MEDO E A FRATERNIDADE SANGUÍNEA EM DRÁCULA E JACK, O ESTRIPADOR

Sabrina Mesquita de Rezende (UFG\CAC)

Sabrina-meskita@hotmail.com

No presente trabalho apresentaremos uma análise do medo inserido no espaço gótico como movimento transformador do ambiente decadente dos personagens Drácula do romance *Drácula* (1897) de Bram Stoker e o lendário serial killer Jack, o estripador, que amedrontou os vitorianos no fim do século XIX. Para tanto, a rua especificamente em foco neste trabalho, representa palco de concretização do medo na sociedade Vitoriana. Uma vez que, a rua originalmente é um espaço livre, sem regras fixas e suscetíveis a todos os imprevistos, ela também pode ser lido como um ambiente de transgressão e onde barreiras são abolidas, lugar perfeito para a realização do gozo através do medo pelas criaturas subversoras Drácula e Jack, o estripador. Por conseguinte, esses personagens ao realizarem a sua fruição pelo medo, ritualizam o espaço urbano movido pela sua busca incessante pelo sangue, e são responsáveis por instalarem o autoconhecimento na sociedade composta por pessoas de identidades vulneráveis e inseguras. Assim, torna-se relevante uma investigação que prioriza o espaço urbano como elemento identificador e demiúrgico na condução de personagens subversores sob

o signo do medo, e como consequência deixam uma mensagem da prática da liberdade no espaço rua. Por fim, este trabalho vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG- Regional Catalão e com o suporte de bolsa concedida pela CAPES recorrerá ao suporte teórico baseado em: Barros (2014), Cohen (2011), Damata (2011), Levin (1996), Moraes (2011), Mucci (1994), Bachelard (2015), entre outros.

Palavras-chave: Espaço Gótico; Rua; Medo.

VIOLÊNCIA URBANA: O CORPO-ESPAÇO CONTEMPORÂNEO NOS VÍDEOS DO GRUPO CORPO

Samene Batista P. Santana (UESB/CAPES)
samenebatista@gmail.com

Nesse trabalho, problematizamos o corpo que dança e sua inscrição como discurso contemporâneo sobre a violência urbana, a partir dos estudos discursivos da Análise do Discurso, especialmente os de Michel Foucault, bem como, tratamos sobre a noção de corpo-espaço, cunhado por Nilton Milanez e Marisa Khalil. A violência, por sua vez, é observada sob dois vieses: em primeiro lugar, quanto à discursivização sobre a violência urbana na dança, em que se coreografa e automatiza a materialização dos corpos se modificando pelo excesso de luzes, ruídos, aceleração e obstáculos, requeridos pelo próprio espaço. Em segundo lugar, olhamos para a violência no próprio corpo que dança, que, ao materializar/espetacularizar a violência no meio urbano, violenta-se a si, sua postura corporal, seus limites de alongamento e de força. Observamos, portanto, que a violência discursivizada pelo corpo que dança é inscrita duplamente: no espaço da violência urbana e no que o corpo que dança diz sobre si e sobre a violência urbana. Utilizamos como suporte para análise alguns extratos de vídeos dos espetáculos do *Grupo Corpo*, companhia de dança contemporânea fundada em 1975, na cidade de Belo Horizonte, onde permanece sediada e é reconhecida mundialmente pela mídia como uma das principais e mais bem sucedidas companhias de dança contemporânea existente. A partir das posições teórico-analíticas sobre os vídeos, verificamos que o corpo que dança se inscreve na construção do discurso sobre a violência urbana e ao mesmo tempo, violenta-se a si, maximizando assim a modificação que ocorre nos corpos quando inseridos no espaço urbano.

Palavras-chave: Corpo-Espaço; Violência; Contemporâneo; Urbano; Discurso.

HISTÓRIAS E HISTORINHAS DE HORROR LIDAS EM UM CÍRCULO DE LEITURA LITERÁRIA

Sandra Helena Borges (UFU/CAPES)
borgessandra1@gmail.com

Objetivamos apresentar um círculo de leitura literária planejado com cinco obras, sendo que quatro são HQs e uma é poesia. São elas: *Frankenstein* adaptada por Fiona MacDonald (Editora Nacional), *Drácula* adaptada por Fiona MacDonald (Editora Nacional), *O médico e o monstro* adaptada por **Seán Michael Wilson** (Editora

Nacional) e *O Fantasma de Canterville* adaptada por Fiona MacDonald (Editora Nacional) e *É isso ali: poemas-adulto-infanto-juvenis* de José Paulo Paes (editora Salamandra). Nesta última obra nos ateremos somente ao poema "Quatro historinhas de horror". Ao escolhermos as narrativas quadrinísticas e a narrativa poética para a composição desse círculo, que foi pensado para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, levamos em consideração que ambas ampliam os modos de ler. A narrativa quadrinística exige a participação dinâmica dos sentidos no ato da leitura, pois a informação se dá pela complementaridade de códigos verbais e não verbais. Já a poesia "tende a chamar atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta" (PAES, 1996, p.24). Além da ampliação dos modos de ler, acreditamos ainda que essas particularidades em relação às maneiras das leituras serem efetuadas tornaram os contatos com as obras e com os textos poéticos mais atraentes para os alunos leitores infantis, que foram nossos leitores-alvos. As quatro primeiras obras escolhidas fazem parte da literatura de horror, um gênero literário que contém elementos do insólito, muitas vezes associados a componentes típicos, por exemplo, da ficção científica, do folclore, da cultura tradicional, da religião ou mesmo de supostos poderes latentes no ser humano. Assim, o insólito, para nós, foi o elemento que os escritores das obras escolhidas para esse círculo de leitura literária¹ usaram para desestabilizar o real e aproximá-lo da fantasia, o que, de acordo com Roas (2014), faz com que o leitor interrogue a realidade e perca a segurança ora proporcionada por ela. Essas obras tratam do sobrenatural, ou seja, "aquilo que transgridem as leis que organizam o mundo real, aquilo que não é explicável, que não existe, de acordo com as mesmas leis" (ROAS, 2014, p. 31). Já o poema "Quatro historinhas de horror" de José Paulo Paes, utiliza o humor combinado ao sobrenatural em poemas (supostamente) de horror. De acordo com Roas (2014), ao utilizar o humor o poeta oferece um tratamento das personagens insólitas totalmente descrente, o que desvirtua o possível efeito fantástico do horror e, conseqüentemente, o medo que seria gerado pela leitura é destruído. Assim, as personagens insólitas são transformadas em personagens familiares dos leitores. Nesse sentido, acreditamos que a leitura dessas obras, cujas temáticas giram em torno do sobrenatural, estabeleceu laços com a vivência e a necessidade lúdica dos nossos leitores-alvo. As HQs os interrogaram e os fizeram perder a segurança diante do mundo real, instaurando um clima de medo que os instigou a adentrar na narrativa. Já o poema, cuja presença do sobrenatural é apenas um pretexto, estabeleceu o riso, levando os leitores a compartilharem do destino inusitado das personagens insólitas. O modelo de círculo de leitura literária utilizado foi pensado por Cosson (2014).

Palavras-chave: círculo de leitura; horror; humor.

OS DESDOBRAMENTOS DO MEDO, DA MORTE E DOS ESPAÇOS FICCIONAIS EM *O JARDIM SECRETO*

Sandra Mara Carvalho (UFU)
sandrinhasmc@hotmail.com

O espaço ficcional não se limita apenas à caracterização de paisagens ou de personagens, mas atua especialmente na instauração de sentidos, descortinando anseios e práticas sociais, ultrapassando a mera função de plano de fundo, elevando o texto ao enriquecê-lo com as possibilidades de entendimento por meio de sua apresentação. O

texto aqui proposto visa analisar o espaço e sua importância para a criação do medo, salientando sua influência na construção da narrativa e personagens, tanto na produção escrita quanto na adaptação fílmica do romance *O jardim secreto*, livro da autora inglesa Frances Hodgson Burnett, publicado em 1911, e filme de mesmo nome dirigido por Agnieszka Holland, lançado em 1993. Em *O jardim secreto*, cujo título já aponta para um espaço determinado, teremos acesso à história da amizade entre Mary Lennox e Colin, duas crianças que se conhecem de forma inesperada e que exploram um jardim proibido situado nos arredores da propriedade onde moram. Dessa forma, apresentaremos como a constituição das personagens está diretamente ligada aos espaços, observando como os espaços da casa e do jardim são relevantes e responsáveis pela criação das sensações de tensão, angústia e medo presentes nos textos literário e fílmico, além de analisar como a morte, não apenas a física, mas aquela que incapacita o ser humano, que o limita e tira suas forças, em consonância com o medo de viver, da vida e seus obstáculos, afetam os aspectos psicológicos e físicos das personagens. Para tal análise, nos basearemos nos pressupostos teóricos de Michel Foucault, Wolfgang Iser, Sigmund Freud, David Roas entre outros.

Palavras-chave: Medo; Morte; Espaço; Jardim.

A REPRESENTAÇÃO DO MEDO NA NARRATIVA FABULAR

Suelene Alves Lopes (CAPES/ UFU)
suelenalveslopes@yahoo.com.br

Já dizia Barthes sobre as "narrativas do mundo", que não há sociedades sem narrativas, estas se multiplicam sem cessar, desempenhando funções fundamentais, que se desdobram na vida das pessoas e das culturas. Assim é a narrativa literária, e dentre os vários gêneros narrativos, avultamos a narrativa fabular, que apresenta em sua trama a incursão do insólito, o incomum que desperta interesse e curiosidade. Nessa narrativa, que brota da tradição oral, em algumas fábulas percebemos a representação do medo, emoção essa tão primitiva quanto constante na história do homem. O medo está intimamente ligado aos mecanismos de proteção contra o perigo e aos instintos de sobrevivência, e quando a fonte do medo não representa um risco real a quem o experimenta, entramos no campo das emoções estéticas. O medo como efeito estético pode ser considerado como o resultado de um planejamento, isto é, como fruto de processos construtivos da obra literária, concebido para suscitar emoções específicas e provocar determinados efeitos no leitor. Assim aos leitores em formação, o contato com tais narrativas seduz, atrai e fortifica, pois o exercício de ler, pensar e refletir permite enfrentarmos os medos. Dessa forma, pretendemos analisar as narrativas fabulares: *O Rato que tinha medo*, de Millôr Fernandes; *O Filhote de Cervo e sua Mãe*, de Esopo; *O lobo velho*, de Monteiro Lobato, para incitar reflexões acerca do modo como o medo configura-se, no intuito de compreender esse sentimento na vida e na arte. Longe de esgotar o assunto, a narrativa fabular e o medo já são por si só perenes e dignos de constituírem constante objeto de estudo.

Palavras-chave: Narrativa literária; Narrativa Fabular; Medo.

O HORROR MACABRO: O PROPULSOR DE UM PRAZER VASTO, QUIETO E PROFUNDO

Tatiane Galdino da Silva (UFU)

tatia.ne@hotmail.com

Este estudo analisa o conto “A causa secreta” de Machado de Assis a partir do comportamento sádico e das práticas terríficas do personagem Fortunato. Este, ao contrário de demonstrar compaixão com o sofrimento alheio, contempla-o com imensurável prazer e, algumas vezes, é capaz de provocar e alongar ao máximo esse sofrimento, sobretudo, em seres incapazes de se defender. O clímax da narrativa, certamente, é alcançado quando Fortunato castiga com covardia e elevados requintes de crueldade um rato. O narrador descreve-nos minuciosamente uma cena crua, repugnante, crudelíssima, evidenciando o desejo do torturador de garantir o prolongamento da dor, uma vez que para este caso, a morte deve ser adiada ao máximo, visto que ela representa o alívio da agonia do animal e, conseqüentemente, a interrupção do gozo de Fortunato. O comportamento patológico desse personagem suscita medo, horror, fobia, abjeção, e por que não, curiosidade, sobretudo entre os personagens que circundam esse homem. Esta análise objetiva discutir as possíveis razões de algumas pessoas se interessarem, precisarem e se comprazerem com o horror macabro e, de forma mais específica, no caso de Fortunato, alimentarem-se do horror resultante da dor alheia. Nosso estudo está amparado nas ricas contribuições da obra *A dança macabra* de Stephen King, nos estudos de Jean Delumeau acerca da ambigüidade do medo. No que concerne à teorização do medo, utilizaremos as concepções formuladas por Howard Phillips Lovecraft, além de outros estudiosos que possam contribuir com esta discussão.

Palavras-chave: horror; prazer; sofrimento; abjeção; morte.

A MONSTRUOSIDADE EM “PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS” DE AGUINALDO SILVA

Tereza Cristina Gomes Maia (UFU)

terezamaia@gmail.com

Segundo o historiador Jean Delumeau, dentre os medos no Ocidente, um dos mais importantes nos séculos passados é o medo de alguém julgar a si mesmo como um pecador. Na obra “Primeira carta aos Andróginos” (1975), ao colocar o universo homoerótico em posição de destaque em nossa sociedade, Aguinaldo Silva expõe os conflitos pessoais, medos e angústias vividos pelo narrador-personagem ao se descobrir um sujeito homoerótico, cujos valores cristãos estão presentes em toda sua trajetória. Nessa comunicação será analisada a figura do monstro como metáfora do estranhamento e do medo diante das experiências homoeróticas, utilizando como referencial teórico Michel Foucault, Marilena Chauí, Guacira Lopes Lobo e Julia Kristeva.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Monstruosidade; Homoerotismo; Aguinaldo Silva; Teoria queer.

O MERGULHO NO UNIVERSO FICCIONAL COMO EXPERIÊNCIA ASSUSTADORA: UMA LEITURA DE *A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA*, DE OSMAN LINS.

Victória Maria Silva Camargo (UFU/CPNq)
victoriamsc@hotmail.com

Este trabalho tem como corpus a obra *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins, na qual um narrador não identificado analisa um livro homônimo deixado por sua amante, Júlia Marquizez Enone. A obra é escrita sob forma de diário e relata suas tentativas de compreender o livro inédito deixado por Júlia. A partir desse enredo, o intuito é expor o caráter assustador que a experiência ficcional pode assumir nessa obra de Lins, em que o narrador a princípio tenta manter um distanciamento em relação ao livro analisado, mas passa a gradativamente a se envolver de forma mais intensa com o texto. Em determinado ponto do romance de Julia, o processo de escrita literária é associado à loucura (ela interna grandes autores nacionais no hospício) e os questionamentos suscitados por essa aproximação apavoram o narrador. Seu pavor acarreta momentos de cegueira e o faz temer a perda de sua identidade à medida que se descobre escritor. O medo do narrador em relação ao universo ficcional é coerente, pois, ao longo do processo de leitura e escrita, ele dissolve gradativamente seus contornos habituais do sujeito, até ser tragado pelo texto literário no fluxo de consciência no final da obra, aproximando-se da condição de louco. Como apoio teórico, usaremos principalmente “A morte do autor”, de Roland Barthes, para refletir sobre a relação entre autor e texto.

Palavras-chave: representação; medo; literatura; Osman Lins; universo ficcional.

MEDO CONTEMPORÂNEO: CORPO E VIOLÊNCIA AUTO INFLIGIDA EM VÍDEOS DE CURTA DURAÇÃO

Vilmar Prata Correia (UESB/CNPq)
vilmarlabedisco@gmail.com

Dentre os diversos modos de violência existentes e conhecidos pelas sociedades humanas, podemos considerar o suicídio como um tipo de violência bem peculiar, melhor conhecida como violência auto infligida. Trata-se de uma violência extrema aplicada ao próprio corpo, onde o sujeito se abdica da própria existência corporal, motivado por diversos fatores, ou podemos dizer ainda, desmotivado por diversos fatores. O fato é que nos últimos anos temos visto uma profusão de suicídios ou tentativas de suicídio registrados em vídeos de curta duração e postados no *youtube*, produzidos de maneira amadora ou profissionalmente. Mas, o que realmente chama a atenção é esse movimento virtual que desperta numa mão dupla o medo contemporâneo existencial e ao mesmo tempo a curiosidade de olhos afoitos por gestos extremos de violência. Aqui o corpo é posto exatamente no ‘olho do furacão’ e a proposta é apresentar uma breve reflexão sobre o suicídio como auto violência materializada em um discurso audiovisual, atravessado por tendências midiáticas de espetacularização em uma sociedade submersa em medos contemporâneos, que transforma o corpo-sujeito em um potencial de corpo-suicida. Por fim, para nos auxiliar, tomaremos por base teórica as discussões de Durkheim, Michel Foucault e Camus, que apresentam reflexões

pertinentes sobre o suicídio, a violência e o medo, num entrelaçamento social que faz emergir uma rede discursiva na qual o sujeito se pronuncia como o próprio discurso.

Palavras-chave: Corpo; Suicídio; Violência/Medo; Audiovisual; Discurso.

CORPO, PRODUÇÃO DO MEDO E ABJEÇÃO: POSICIONAMENTOS PARA OS SUJEITOS AUTOMUTILADOS EM VÍDEOS

Vinicius Lemos da Silva Reis (UESB)

vinicius.lsreis@gmail.com

O trabalho analisa e problematiza imagens de audiovisuais de sujeitos filmando e expondo a automutilação sobre o corpo com circulação na internet. Os questionamentos construídos serão abordados à luz dos pressupostos teóricos que compõem a análise do discurso, primando uma perspectiva foucaultiana sobre o corpo e regimes de funcionamento do discurso. Além disso, traz diálogos teóricos em torno da materialidade audiovisual, uma vez que o *corpus* levantado para dar base e ser analisado na pesquisa é composto por vídeos encontrados no *site* www.heavy-r.com. Objetivamos com este trabalho problematizar as posições dos sujeitos que as imagens de automutilação são capazes de produzir: primeiro, discutir posições histórico-sociais do medo enquanto insegurança e incerteza diante de um corpo automutilado, um desdobramento do medo da morte e da monstruosidade; segundo, trabalhar um efeito de abjeção enquanto repulsa por meio de uma não-identificação ao corpo automutilado. Os regimes do medo da morte, do monstro e da abjeção são constitutivos às práticas audiovisuais de automutilação, tendo em vista e partindo do pressuposto de que o suplício está instaurado no campo do abjeto e do horror, onde a morte era presença constante, observaremos um deslocamento do suplício do outro problematizado por Foucault, objetivando constituir o suplício de si nos vídeos analisados. É necessário frisar que a discussão nesse trabalho se dá em torno do objeto discursivo “corpo”. É este objeto discursivo que dá as condições possíveis para problematizar posicionamentos para os sujeitos automutilados em um regime da produção de medo e abjeção em práticas audiovisuais de automutilação.

Palavras-chave: Abjeção; Corpo; Medo; Suplício e Vídeos de Automutilação.

JEKYLL E HYDE: ALQUIMIA E FEITIÇARIA

Vinicius Lucas de Souza (UNESP)

viniciuslucassouza@gmail.com

Ao se vislumbrar o conto “William Wilson” (1839), de Edgar Allan Poe, o tema do duplo (*Doppelgänger*) perpassa toda a narrativa. Com a premissa de que esse conto é um marco nessa temática, como afirma Otto Rank, estudioso de tal motivo, pode-se dizer que a denominação “Complexo de William Wilson” seja adequada para representar três elementos que emergem da narrativa mencionada de Poe: a existência de uma segunda personagem que compartilha traços físicos e psíquicos da personalidade “original”; a existência do *Unheimliche* (tal como definido por Sigmund Freud em seu ensaio “O ‘estranho’” (1919)), o familiar e estranho convergindo para

uma mesma personagem (o outro; o duplo); e o espelho, auxiliador da manifestação do *Doppelgänger*. Tendo em mente o referido Complexo, o que se almeja demonstrar nesta comunicação é como os dois primeiros braços do Complexo de William Wilson são revisados no romance **O médico e o monstro (Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde, 1886)**, de Robert Louis Stevenson. Com uma ampliação da abordagem da segunda entidade e com uma inovação no elemento *unheimlich*, o romance em questão ressignifica o tratamento do Complexo de William Wilson. A partir da revisão desses dois fatores, Henry Jekyll revela-se não somente um cientista, mas também um alquimista em direção a um experimento transcendental, cujo produto é a vinda de Edward Hyde, o assassino repulsivo que se configura como um necromante, ao incutir sobre si um conjuro capaz de causar a morte àqueles que observam a transformação que envolve Jekyll e Hyde.

Palavras-chave: O médico e o monstro; Duplo; Complexo de William Wilson; Alquimia; Feitiçaria.